

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



A COLEGIADA DE SÃO JULIÃO DE FRIELAS

A ORGANIZAÇÃO DO SEU PATRIMÓNIO FUNDIÁRIO NO SÈCULO XIV

SOFIA PEDROSO CORREIA DE MATOS BOTO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL

LISBOA, 2011

SOFIA PEDROSO CORREIA DE MATOS BOTO

A COLEGIADA DE SÃO JULIÃO DE FRIELAS

ORGANIZAÇÃO DO SEU PATRIMÓNIO FUNDIÁRIO NO SÉCULO XIV

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre
em História Regional e Local, pela Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa.

Sob a orientação do Professor Doutor Pedro Gomes Barbosa.

RESUMO

O âmbito do trabalho de dissertação apresentado enquadra-se na área de estudo da História Regional e Local, incidindo na zona geográfica de Lisboa.

Pretende-se contribuir para o conhecimento da região de Lisboa, através da elaboração de pequenos estudos locais, consistentes e ligados entre si, colmatando a ausência de um estudo abrangente e global desta área, privilegiando um ponto de observação: a vila de Frielas e o seu termo, no século XIV.

O Fundo Documental da Colegiada de São Julião de Frielas, que se encontra à guarda do Arquivo Nacional da Torre do Tombo serviu de suporte para a recolha e o tratamento de dados, relativos ao domínio e à estrutura da Colegiada, nomeadamente no que diz respeito à posse e exploração da terra e à ocupação do espaço. A partir destes dados, muitas vezes, espartilhados, foi possível cartografar as propriedades e meios de produção do loge de Frielas no período em apreço. Foi ainda elaborado um estudo de antroponímia a partir da amostra da população referenciada nos instrumentos e cartas.

No entanto, e apesar de o âmbito territorial da Colegiada de S. Julião de Frielas não ser muito grande, a existência de um Paço Real e de um grande reguengo (ou de três separados: Frielas, Unhos e Sacavém), foram determinantes para a pesquisa de documentação em outras fontes, maioritariamente ligadas às chancelarias reais dos reis da Primeira Dinastia e dos primeiros reis da Segunda Dinastia.

Outro factor determinante na prossecução deste trabalho de investigação foi a utilização de uma fonte documental que se encontra num avançado estado de deterioração, contribuindo para salvaguarda dos seus conteúdos, dando-os a conhecer a um público mais alargado.

Palavras-chave: Frielas, Colegiada, Reguengo, Século XIV, Espaço e Propriedade.

ABSTRACT

The present dissertation falls within the context of Local and Regional History, focusing on the geographic limit of Lisbon.

It intends to contribute to a broader knowledge of the region of Lisbon, through the preparation of small local studies, consistent and closely connected, filling the gap of broader and complete study of this area, identifying an observation point: Frielas in the 14th century.

The documental body of the Colegiada de São Julião de Frielas, guarded by the National Archive of Torre do Tombo, is the base for the gathering and data treatment, concerning the structure and the domain of the Colegiada, namely in what concerns to land ownership and exploitation, and occupation of space. Taking advantage of this data, frequently without an apparent link, it was possible to identify the places and means of production in this period. Furthermore, an anthroponomy study was made from the population sample that the documents refer to.

Although Frielas local area was not very big, the existence of a Royal Manor and one important royal estate (or three separate ones: Frielas, Unhos e Sacavém), were determinant to research other sources of documentation, mainly the Chancellery of the kings of the first and the second dynasty.

The use of a documental and historical resource that is in a serious risk of total degradation constituted another issue that played a determinant role on the development

of the present investigation was. In this way, it contributes to the preservation of its contents and to bring them to light for a broader audience.

Key-words: Frielas, Colegiada, Royal Estate, 14th century, Land and Space.

AGRADECIMENTOS

A concretização desta etapa foi uma das tarefas mais motivantes da minha vida acadêmica.

Apesar dos constrangimentos profissionais e de conciliação com a vida familiar, a vontade de investigar um fundo documental que corre sérios riscos de se deteriorar completamente, prevaleceu.

Deparei-me com grandes dificuldades aquando da leitura da documentação do fundo da Colegiada de São Julião de Frielas, mas a ajuda do Mestre em Paleografia João Fresco foi determinante para que pudesse iniciar o longo e, por vezes, penoso processo de recolha dos dados.

Várias são as pessoas a quem tenho o dever de agradecer.

Em primeiro lugar, à minha mãe, que sempre me motivou para atingir novas metas académicas, principalmente na área da História, de que tanto gostava. Obviamente, tenho de agradecer o apoio do meu pai, por me ter ajudado a compreender as características físicas do terreno desenhado nas Cartas Militares, entre outras coisas.

Ao meu marido e aos meus filhos Pedro e Gonçalo, agradeço a paciência que tiveram comigo, principalmente pela minha impaciência quando não conseguia completar em tempo útil as minhas tarefas do mestrado.

Os meus antigos colegas da licenciatura de História, o Dr. Ricardo Reis e o Dr. Carlos Guardado da Silva, foram incansáveis sempre que precisei de ajuda, tanto ao nível da pesquisa bibliográfica, como dos trâmites administrativos na Faculdade de Letras.

A minha colega e amiga Sara C. Silva foi a grande “culpada” pelo meu regresso à Faculdade de Letras e à investigação histórica. Na execução do trabalho, propriamente dito, agradeço a persistência da minha colega de mestrado, a Mestre Ana Leitão.

O Dr. Luís Gonçalves, Arqueólogo, foi preponderante na realização dos mapas de identificação dos bens, e que deram muito trabalho a executar. Muito obrigada, Luís!

Também tenho que agradecer ao meu orientador, o Prof. Doutor Pedro Gomes Barbosa, que me guiou de forma muito prática para a obtenção de resultados e que sempre se mostrou acessível e disponível para o esclarecimento das minhas inúmeras dúvidas. E aos outros professores dos Seminários, que me apoiaram na fase de arranque desta dissertação.

Devo, ainda, agradecer aos funcionários do Arquivo Nacional Torre do Tombo, pela disponibilidade e amabilidade com que me trataram nas inúmeras vezes que necessitei de consultar a documentação.

Aos meus pais, à Guida, à Cristina H., à Tuxa, ao Zé, ao Pedro, ao Gonçalo, à Gina, aos meus sobrinhos, aos meus irmãos e cunhados, aos meus amigos e amigas, aos meus colegas de trabalho da Câmara Municipal de Odivelas, dedico esta minha dissertação.

ÍNDICE

ÍNDICE DE GRÁFICOS	9
ÍNDICE DE IMAGENS	9
ÍNDICE DE MAPAS	9
ÍNDICE DE QUADROS	10
ABREVIATURAS	11
INTRODUÇÃO.....	12
1. DESCRIÇÃO DA ÁREA GEOGRÁFICA DE FRIELAS	15
2. VIAS DE COMUNICAÇÃO	20
3. OCUPAÇÃO DO ESPAÇO.....	25
4. O REGUENGO DE FRIELAS.....	28
4.1. OS REGUENGOS	30
4.2. O CASO DE FRIELAS	32
4.3. OS TABELIÃES DE FRIELAS	33
5. ESTRUTURA DA COLEGIADA DE S. JULIÃO DE FRIELAS	36
5.1. OS PRIORES.....	41
5.2. OS BENEFICIADOS/RAÇOEIROS	42
6. EXPLORAÇÃO DO DOMÍNIO DA IGREJA DE SÃO JULIÃO DE FRIELAS	44
6.1. ESTRATÉGIA DE AQUISIÇÃO	44
6.2. DOAÇÕES AO MOSTEIRO DE S. VICENTE DE FORA	44
6.3. O DOMÍNIO DA COLEGIADA	46
6.4. CONJUNTURA ECONÓMICA	48
6.5. OS BENS	49
6.6. AS CULTURAS	50
6.7. TRANSACÇÕES	52
6.8. OS FOROS	53
6.9. COMPRAS E VENDAS.....	56
7. A POSSE DA TERRA	60
8. ANTROPONÍMIA	65
9. IDENTIFICAÇÃO CARTOGRÁFICA	72
9.1. TOPÓNIMOS.....	76
CONCLUSÃO	77
BIBLIOGRAFIA	79
APÊNDICES	88
APÊNDICE 1	89
APÊNDICE 2	116

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1 – DOAÇÕES AO MOSTEIRO DE SÃO VICENTE DE FORA	46
GRÁFICO 2 – TIPOLOGIA DOS INSTRUMENTOS.....	47
GRÁFICO 3 – EXPLORAÇÃO INDIRECTA.....	48
GRÁFICO 4 – OS BENS.....	50
GRÁFICO 5 – AS CULTURAS	52
GRÁFICO 6 – TIPOS DE RENDAS.....	56
GRÁFICO 7 – COMPRAS, VALORES EM LIBRAS.....	57
GRÁFICO 8 – COMPRAS, INTERVALOS DE 25 ANOS	58
GRÁFICO 9 – NOMES MASCULINOS E FEMININOS	66
GRÁFICO 10 – NOMES PRÓPRIOS MASCULINOS	67
GRÁFICO 11 – NOMES PRÓPRIOS FEMININOS.....	68
GRÁFICO 12 – COMPOSIÇÃO DOS NOMES	69
GRÁFICO 13 – NÚMERO DE NOMES POR INDIVÍDUO.....	70

ÍNDICE DE IMAGENS

IMAGEM 1 – PAÇO REAL DE FRIELAS, TENTATIVA DE RECONSTITUIÇÃO.....	29
--	-----------

ÍNDICE DE MAPAS

MAPA 1 – IDENTIFICAÇÃO DE FRIELAS NO MAPA DE PORTUGAL CONTINENTAL.....	19
MAPA 2 – REDE VIÁRIA ROMANA DA REGIÃO ENTRE O ATLÂNTICO E O BAIXO TEJO. 23	
MAPA 3 – AS VIAS	24
MAPA 4 - Localização dos Bens de João da Gaia e Francisco Eanes	64
MAPA 5 – LOCALIZAÇÃO DOS BENS	74
MAPA 6 – LOCALIZAÇÃO DOS TIPOS DE BENS	75

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 – PRIORES E RAÇOEIROS	41
QUADRO 2 – FOROS PAGOS À IGREJA DE SÃO JULIÃO DE FRIELAS	54
QUADRO 3 – FOROS PAGOS A PARTICULARES	55
QUADRO 4 – COMPRAS DE JOÃO DA GAIA	62
QUADRO 5 – AFORAMENTOS DE JOÃO DA GAIA E SANCHA MARTINS	63
QUADRO 6 – NOMES MASCULINOS.....	67
QUADRO 7 – NOMES FEMININOS	68

ABREVIATURAS

Chanc. - Chancelaria

CSJF - Colegiada de São Julião de Frielas

DGARQ/ANTT – Direcção Geral dos Arquivos/Arquivo Nacional Torre do Tombo

MSVF – Mosteiro de São Vicente de Fora.

INTRODUÇÃO

Avistando a lezíria, que se estende desde a Paiã até Vialonga, observa-se uma imensidão de terreno cultivado, alagado em algumas alturas do ano, e anfitrião de espécies raras de aves migratórias.

Ainda é possível imaginar e recriar a paisagem do passado distante, pois as actividades agrícolas mantêm as culturas ancestrais, podendo-se observar olivais, campos de cereais e as cheias anuais preservam a grande fertilidade do solo, onde os depósitos de aluvião se sedimentam.

A vila de Frielas, o centro geográfico do presente estudo, é exemplo da permanência de reminiscências que remontam ao período da ocupação romana, e que evoluem através dos séculos. A *villae* romana, o Paço de D. Afonso III e de D. Dinis, a Igreja Matriz de S. Julião de Frielas, anterior Colegiada, são passíveis de um estudo aprofundado e sistematizado, tendo como base a documentação depositada do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Pretende-se, assim, contribuir para o conhecimento da região de Lisboa, através da elaboração de pequenos estudos locais, consistentes e ligados entre si, colmatando a ausência de um estudo abrangente e global desta área, privilegiando um ponto de observação: a vila de Frielas e o seu termo, no século XIV.

Apesar da baliza cronológica referida anteriormente, apresenta-se uma resenha histórica desde a Antiguidade até ao século XV, numa tentativa de enquadrar a análise da documentação compulsada num período de tempo mais vasto.

A documentação que serviu de base a este estudo provém, maioritariamente de uma instituição religiosa, a Colegiada de S. Julião de Frielas. O mau estado de conservação

dos documentos foi um dos maiores constrangimentos com que nos deparámos, condicionando, assim, o resultado das pesquisas. Por vezes, o espartilhamento de dados não permitiu uma análise clara e precisa, mas a riqueza de algumas informações obtidas esporadicamente, foi preponderante para a junção de peças retalhadas e a consequente retirada de algumas conclusões.

Através dos dados que nos são oferecidos pela documentação, é possível tentar reconstituir as paisagens rurais e urbanas do domínio da Colegiada, nomeadamente os tipos de exploração agrária, o local de implantação dos bens e das culturas e retirar alguma informação sobre os intervenientes nos instrumentos: vendedores, compradores, aforadores e foreiros.

Assim, o levantamento de dados foi feito tendo em conta: o local e a data de elaboração do documento, o tipo de instrumento, o bem, a localização geográfica, o foro ou preço, as partes intervenientes, as confrontações, as testemunhas e o tabelião.

No entanto, e apesar de o âmbito territorial da Colegiada de S. Julião de Frielas não ser muito grande, a existência de um Paço Real e de um grande reguengo (ou de três separados: Frielas, Unhos e Sacavém), foram determinantes para a pesquisa de documentação em outras fontes, maioritariamente ligadas às chancelarias reais dos reis da primeira dinastia e dos primeiros reis da segunda dinastia.

A escassez de documentação, já referida anteriormente, pode resultar de vários factores, que poderão ter ocorrido isoladamente, em simultâneo ou espaçados no tempo. Pode dever-se à destruição da documentação, por incêndios, cataclismos naturais; por incúria, intencional ou não, praticando o palimpsesto¹, ou por mau arquivamento, ou ainda de

¹ Designa um pergaminho ou papiro cujo texto foi eliminado para permitir a reutilização.

anotações e registos em róis ou livros, que desapareceram, que continham os instrumentos/contratos do domínio da Colegiada.

Para além do desenvolvimento da vertente da investigação histórica que está presente nesta dissertação, move-me a vontade de contribuir para a preservação de um património arquivístico, que como já referi, se encontra num estado avançado de deterioração. Parece-me que é um dever dar a conhecer o seu conteúdo, porque só assim é possível perpetuar o legado de uma instituição cujo edifício, a Igreja Matriz, ainda tem um papel importante na vida social e religiosa de Frielas.

1. DESCRIÇÃO DA ÁREA GEOGRÁFICA DE FRIELAS

A Natureza não resume a área física e geográfica onde o Homem vive, porque à natureza é imprimida a influência das gerações humanas. Resulta, assim, uma “combinação, original e fecunda de dois elementos: *território e civilizações*”².

A região de Lisboa, tendo o rio Tejo como eixo central, é o coração de um compartimento geográfico complexo³. Podem observar-se montanhas, planícies, vales estreitos e largos, altos-relevos e terras baixas. Por todo o lado, a água abunda, seja de mar ou de rio.

Frielas, situada a 5 km a Norte de Lisboa, está no fertilíssimo Vale de Loures, que é constituído ainda pela Póvoa de Santo Adrião, os dois Tojais, Santo Antão e São Julião, e o Vale apertado de Lousa. Foram encontradas várias denominações para esta zona, nas obras consultadas, desde as Baixas de Loures, à Bacia e às Várzeas de Loures. Mas todas as referências apontam para a enorme fertilidade dos terrenos que circundam a localidade de Frielas.

Frielas eram um dos povoados que constituía o termo de Lisboa, contribuindo para a autonomia económica da grande cidade de Lisboa e fornecendo os bens alimentícios essenciais. As novas vilas dos séculos XII, XIII e XIV vão surgindo nos vastíssimos termos que surgiram após o período da Reconquista Cristã.

Até meados do século XX, a área da Várzea de Loures estava praticamente submersa, e Frielas encontrava-se nas margens de um golfo que só tinha uma saída estreita em Sacavém para o estuário do Tejo. O rio prolongava-se em grande distância para o Oeste.

² RIBEIRO, Orlando, *Introduções Geográficas à História de Portugal*, Lisboa, 2001, p. 15.

³ *Guia de Portugal, Generalidades – Lisboa e arredores*, 1º volume, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1924, pp. 455-457.

No entanto, apesar de estreita, esta ligação ao Tejo era muito importante, por ser uma porta de entrada e saída de pessoas e bens, para o transporte pesado de mercadorias e escoamento de produtos hortícolas por via fluvial.

Segundo Orlando Ribeiro⁴, Lisboa foi sempre o mais importante complexo portuário do País. Os esteiros do Tejo permitiram o transporte dos sinos do Convento de Mafra, que desembarcaram em Santo Antão do Tojal, as *frieleiras* (peixeiras de Frielas) vendiam peixe fresco em Lisboa no fim do século XIX, e na paisagem dos anos 50 do século XX, ainda se podia encontrar marnotas⁵.

O assoreamento posterior, provocado por terras de aluvião que o rio arrastava, ou então trazidas pelas torrentes, que nos Invernos desciam precipitadamente as colinas⁶, foi responsável pela transformação do golfo em pântano, e posteriormente em terras de semeadura e plantio.

Assim, a sedimentação que resultava das terras que desciam as colinas fazia emergir a bacia que já tinha existido anteriormente. A ribeira de Sacavém e o rio Trancão são a única reminiscência do período de alagamento da Bacia de Loures⁷.

No século XIV, o logo de Frielas detinha o domínio sobre uma extensão grande de terras férteis, tanto na encosta como junto à área submersa, onde se fazia, igualmente, o fabrico de sal. As colinas serviam para as culturas da vinha e da oliveira, tal como ainda se observa actualmente⁸.

⁴ RIBEIRO, *Ibidem*, p. 101.

⁵ Marnota: “terreno alagadiço; terreno susceptível de se alagar com as águas do mar ou do rio; parte da salina, em que se acumula a água para o fabrico do sal”, MACHADO, José Pedro, *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, Segundo Volume E-M, Editorial Confluência, Lisboa, [s. d.].

⁶ BARBOSA, Pedro Gomes e VICENTE, António Balcão, “Frielas Medieval” in *O Medieval e o Moderno em Loures, Viagens pelo Património*, Câmara Municipal de Loures, Loures, 1999, p. 21.

⁷ *Guia de Portugal*, *Ibidem*, pp. 447-448.

⁸ BARBOSA, Pedro Gomes e VICENTE, António Balcão, *Ibidem*, p. 23.

Segundo Fernão Lopes na sua Crónica do Rei D. Fernando, quando descreve a destruição do Paço Real de Frielas, caracterizava-a como se transcreve seguidamente, - “e queimaram outros paços d’el-rei acerca d’huum solaçoso⁹ rrio, que ssom duas legoas da cidade [Lisboa], honde chamam Freelas”¹⁰.

Neste período, a margem oposta era densamente florestada, denominada a Mata de Loures, como se pode verificar através da informação da documentação das Chancelarias dos reis do século XIV¹¹.

Nas Memórias Paroquiais/Dicionário Geográfico de 1758, a resposta à pergunta 24ª “Se for Porto de mar, descreva-se o sitio, que tem por arte ou por natureza, as embarcações, que o frequentão, e que pode admitir”, sobre a paróquia de Frielas, lê-se o seguinte: “Respondo que este lugar he perto de hum braço de mar que entra pela boca de Sacavém, de huma parte consta de lezírias e salinas, isto he da parte do Norte, e da outra parte que he a do Sul consta de fazendas e pomares. E do porto deste lugar até à Mialhada honde este braço se termina corre mais ou menos agoa em vários tempos consta de lezírias por huma e outra parte. Os Barcos que o navegão são os dos pescadores desta terra e de Unhos, e alguns do Tejo arriba e só pode admitir Barcos de alto em maré de agoas vivas”¹².

Na resposta ao questionário referente à Paróquia da Ameixoeira, Lisboa, a descrição da Serra contém elementos que caracterizam a continuação das colinas das freguesias de

⁹ Solaçoso (ó), adj. Que causa prazer ou deleite, consolador, *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, 10ª edição revista, Editorial Confluência, Mem Martins, 1999.

¹⁰ LOPES, Fernão, *Crónica de D. Fernando*, Edição crítica, introdução e índices de Giuliano Macchi, 2ª Edição revista, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2004, p. 476.

¹¹ Ministério da Agricultura e Pescas, Dir.-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal, *História Florestal, Aquícola e Cinegética*, Dir. de C. M. L. Baeta Neves, Colectânea de documentos existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Chancelarias Reais, Volume I (1208-1483[38]), Lisboa, 1980, Doc. 235: 1394.Jan.7 -. Chancelaria de D. João I, Lº 2, fl.76.

¹² *Frielas*, DGARQ/Torre do Tombo, *Memórias Paroquiais/Dicionário Geografico de Portugal*, Tomo 16, nº 94, p. 1176.

Frielas e Santo Antão do Tojal assim: “toda a serra he cultivada, e tem olivares, e he de bom temperamento”¹³.

Segundo Pinho Leal, em 1874, Frielas é “situada próximo da entrada para Loures, nas faldas de uns montes pouco elevados e tendo em frente extensíssimas campinas”¹⁴.

Segue-se um mapa de Portugal Continental, onde se encontra localizada a vila de Frielas. De acordo com o que atrás foi referido, a situação espacial e geográfica, coloca-a numa posição privilegiada para o abastecimento da cidade de Lisboa.

¹³ PORTUGAL, Fernando e Matos, Alfredo, *Lisboa em 1758*, Coimbra Editora, Lisboa 1974, p. 34.

¹⁴ LEAL, Pinho, *Portugal Antigo e Moderno, Dicionário*, Vol. III, Lisboa, 1874, p. 238.



MAPA 1¹⁵ – IDENTIFICAÇÃO DE FRIELAS NO MAPA DE PORTUGAL CONTINENTAL

¹⁵ Adaptação do Mapa de Portugal Continental, retirado de MORENO, Humberto Baquero, *Os Municípios Portugueses nos Séculos XII a XV*, Estudos de História N° 22, Editorial Presença, 1986, p. 117.

2. VIAS DE COMUNICAÇÃO

Observando actualmente a zona que se estende desde Frielas aos Tojais, hoje praticamente assoreada, é possível reconhecer as zonas inundáveis, que a caracterizaram em períodos não muito remotos. O sistema viário, por este motivo, era obrigado a contornar toda esta zona, havendo vantagem em procurar as linhas de festo como alternativa, e excepcionalmente, subindo verticalmente as encostas¹⁶.

Os acessos viários terrestres a Frielas e seu termo, durante o século XIV, eram estradas/caminhos que aproveitaram os traçados romanos, e que faziam a ligação entre Lisboa e a zona Oeste e a zona Norte do país. Segundo Vasco Gil Mantas, a saída de *Olisipo* fazia-se por dois ramais, um seguindo por Sacavém, onde existia uma ponte sobre o Trancão, outro por Loures e S. Julião do Tojal¹⁷. Os dois ramais reuniam-se em Vialonga, prosseguindo a Estrada por Alfarrobeira¹⁸ até Alverca.

Na sua perspectiva e seguindo uma ampla tradição, este percurso respeitava a uma variante mais longa (daí o sugestivo topónimo *Vialonga*) de uma via directa que seguia mais próxima do rio Tejo e que atravessaria o rio Trancão na zona de Sacavém, onde se teria construído, já em tempos romanos, uma ponte¹⁹. A existência desta alternativa mais curta assentava em especial no facto de Francisco de Holanda documentar esta estrutura, da qual fornece um desenho, ao mesmo tempo que lamenta encontrar-se nesse

¹⁶ GUERRA, Amílcar, “O troço inicial da via Olisipo-Bracara e o problema da localização de Ierabriga”, apresentada na Mesa Redonda “De Olisipo a Ieragriga”, Vila Franca de Xira, 2008, pp. 12 e 13.

¹⁷ MANTAS, Vasco Gil, *A Rede Viária Romana e Medieval da Região de Torres Vedras*, Turrets Veteras I, Câmara Municipal de Torres Vedras, s. d., pp. 11-23.

¹⁸ MANTAS, Vasco, “Vias Romanas do Concelho de Loures”, *Da Vida e Morte. Os Romanos em Loures*, Loures, 1998, pp. 17-28.

¹⁹ MANTAS, 1999, p. 19; 1996a, p. 749-753.

momento arruinada, impedindo a sua utilização e obrigando a utilizar precisamente a variante a que se aludiu, com o “rodeio de ir ao Tojal” (Holanda, 1984 [1584], p. 26).²⁰

Mantas refere, ainda, que a estrada que ia em direcção a Óbidos tinha um traçado comum com a que seguia para Santarém pelo ramal de S. Julião do Tojal, que parece ser o mais importante durante o Baixo Império²¹, até à travessia da ribeira de Loures, abandonando-a para subir em direcção a Malhapão e passar a poente do Cabeço de Montachique, descendo depois, sob a forma de caminho carreteiro, para o Vale de S. Gião.

Para além disso, encontra-se documentada, em particular através de miliários, uma outra importante estrutura viária que, partindo do território olisiponense, seguiria para norte, por um percurso mais costeiro que a anterior, passando pelas localidades de *Eburobritium* (Óbidos) e *Collipo* (Leiria). É, por isso, um lugar comum referir que *Olisipo* se transformou, a par de *Bracara Augusta*, num nó viário fundamental da fachada atlântica da Hispânia²².

No entanto, paralela e perpendicularmente às grandes vias medievais, existiam outros caminhos de pavimento irregular e de conservação muito descuidada, como o que passa junto a Frielas, sendo o seu pavimento constituído por calhaus e pedras e de areia para enchimento dos espaços vazios²³. Estes caminhos iam de encontro aos centros urbanos, desenvolvendo, assim, a sua vida económica e social, e promovendo a circulação de bens e pessoas.

Verifica-se, através de alguns relatos, que a via que segue ao longo do rio Tejo não é a única forma de viajar para Norte de Lisboa. O trajecto utilizado em 1373 pelas tropas

²⁰ Apud, Amílcar Guerra, *Ibidem*, p. 8

²¹ Orlando Ribeiro, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa, 1963, pp. 166-167.

²² GUERRA, Amílcar, *Ibidem*, P. 5.

²³ SILVA, Carlos Guardado da, *O Mosteiro de S. Vicente de Fora, A comunidade regrante e o património rural (séculos XII e XIII)*, Edições Colibri, Lisboa, 2002, p. 110-111.

Castelhanas, vindas de Santarém, fez-se através do troço Alenquer-Lisboa, de acordo com a crónica de D. Fernando, escrita por Fernão Lopes.

O Abade Visitador Claude de Bronseval, durante as suas deslocações ao Mosteiro de Alcobaça, em 1532, descreve o percurso, tendo passado duas vezes por esta *estrada Real*, cujo trajecto por Ponte de Frielas, Loures, Tojal, Vialonga e Alverca correspondia ao da Antiguidade.

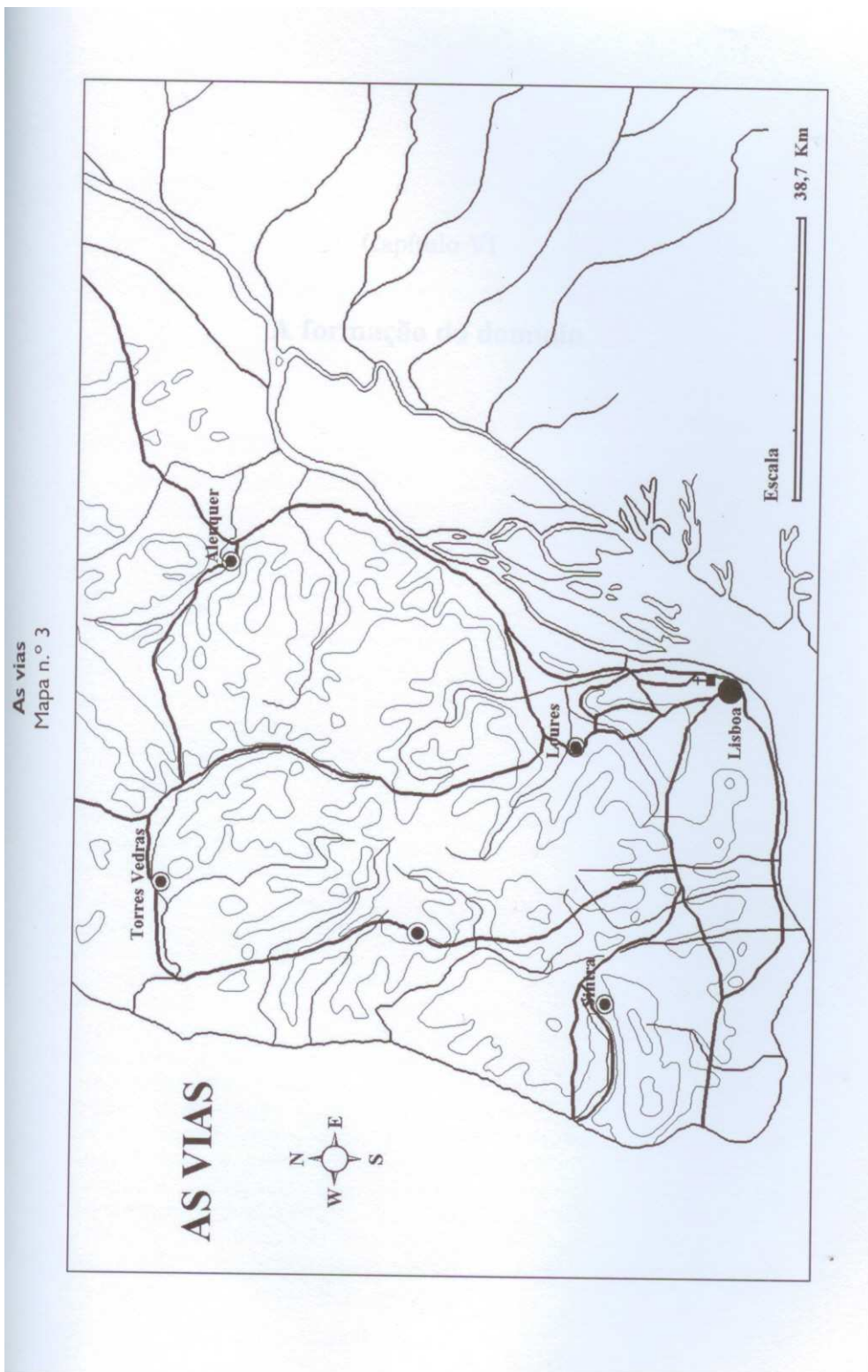
A vias de comunicação terrestres não eram as únicas que serviam o logo de Frielas e o seu termo. O braço de rio que chegava do Tejo, pela entrada de Sacavém, seguindo o leito do rio Trancão, era, seguramente, muito utilizado para o escoamento de cereais e outros bens alimentares produzidos na fertilíssima várzea transversal a Loures, Frielas e Santo Antão e São Julião do Tojal. Esta era uma forma de ultrapassar os obstáculos terrestres, que, por via da geomorfologia, obrigavam pessoas e bens a desvios mais longos e muitas vezes penosos.

Assim, as estradas medievais, pela informação escassa existente, que podemos retirar dos itinerários reais de alguns reis da primeira dinastia, assentam nos traçados romanos²⁴. “Tal como as vias romanas, estes aproveitavam as linhas naturais de comunicação, subindo ou descendo os vales com poucas alterações de nível; seguiam primordialmente os planaltos, ladeando os rios e procurando os traçados mais fáceis”²⁵.

Seguem-se dois mapas, um de Vasco Gil Mantas, outro de Carlos Guardado da Silva, onde se podem observar duas propostas, elaboradas na década de 90 do século passado e na primeira do presente século, dos principais eixos viários da região de Lisboa, e em particular aqueles que seguem através de Loures.

²⁴ MANTAS, Vasco Gil, *A Rede Viária Romana e Medieval da Região de Torres Vedras*, pp. 11-23.

²⁵ SILVA, Carlos Guardado da, *Ibidem*, p. 110.



MAPA 3 – AS VIAS²⁷

²⁷ SILVA, Carlos Guardado, *Ibidem*, p. 212.

3. OCUPAÇÃO DO ESPAÇO

A ocupação do espaço é, segundo Garcia de Cortazar “o primeiro episódio de constituição de qualquer sociedade num determinado âmbito físico²⁸”, transformando o espaço geológico em espaço geográfico, em *habitat* e paisagem agrária.

O regime senhorial estendia-se por todo o país, quer fosse assumido pelo rei, pela nobreza ou pelo clero.

No espaço em estudo, Frielas, coexistem as três realidades e ainda o espaço concelhio. O rei, com o seu reguengo, o clero, através da sua Colegiada de São Julião e alguma pequena nobreza vilã, como por exemplo e João Vilão e Francisco Anes Vilão²⁹.

O domínio da terra era exercido de forma senhorial, mas a exploração da terra era quase toda feita indirectamente.

O modelo senhorial prevalecia, havendo uma parte reservada para o senhor, e a restante propriedade, que estava dividida em parcelas, era explorada indirectamente por foreiros ou rendeiros.

Era também prática comum conceder a outrem parte dessa propriedade, como benefício em troca de serviços prestados, como se observa nas doações de D. Dinis³⁰ em 1319 ao Rabi-Mor Guedelha de uma quinta e ao Almirante Genovês Manuel Pessanha das rendas dos seus reguengos de Frielas, Sacavém e Unhos.

²⁸ CORTAZAR, José Angel Garcia, *História Rural Medieval*, Imprensa Universitária Nº 30, Editorial Estampa, 1983, p. 59.

²⁹ DGARQ, ANTT, CSJF, Maço 1, Nº 15, Nº 18, 19, Nº 71, Nº 75 e Nº86. Maço 2, Nº 10.

³⁰ DGARQ, ANTT, Chanc. D. Dinis –Livro 3, Fl. 162v e Livro 3, Fl. 108, Liv. 18 de Afonso V Fl. 81, Liv de Extras Fl 105, Liv. 2 de Místicos Fl. 21, e Liv. de D. Pedro.

Outro senhor da terra em Frielas foi D. Nuno Álvares Pereira que, em reconhecimento dos serviços prestados durante a guerra com Castela, no Interregno de 1383-85, recebeu de D. João I vastos territórios em todo o país, como por exemplo na Estremadura, em Colares, Unhos, Frielas, Camarate e Sacavém. D. Nuno Álvares Pereira acumulou património de forma tão significativa que podia inquietar qualquer monarca³¹.

A divisão e subdivisão da terra em parcelas mais pequenas eram comuns em séculos anteriores ao XIV e nos séculos seguintes. Era alienado o domínio útil directo senhorial, fraccionando-se por propriedades atribuídas a vassallos da nobreza vilã, que por sua vez os fraccionavam em quinhões mais pequenos que eram aforados ou emprazados por camponeses.

Eram, assim, realizados contratos com os camponeses, que importa definir, para uma melhor compreensão da informação retirada dos documentos compulsados e que espelham a realidade da exploração da terra e da ocupação do espaço.

Estes contratos de concessão eram feitos em vidas ou em número fixo de anos mediante o pagamento anual de uma prestação. Ao senhor era dada a possibilidade de actualizar as rendas e alterar as formas de pagamento, para manter as condições do contrato mais vantajosas para si.

Os contratos de aforamento eram feitos em vidas, por norma três, e os arrendamentos de 5 a 10 anos. As três vidas referiam-se por norma ao marido, à mulher e a um descendente, podendo ainda ser nomeados outros desde que o senhor tivesse conhecimento e desse autorização.

³¹ *Nova História de Portugal*, Direcção de Joel Serrão e A. H. Oliveiras Marques, Vol. IV, pp. 84 e 85.

As prestações de origem senhorial distinguem-se³² das prestações de origem pública. Já nas Inquirições de Afonso III, as propriedades reguengueiras, apesar de em ambas serem cobradas prestações pelo rei. José Mattoso refere que poderá haver uma diferença entre as prestações, sendo as prestações fixas as de origem pública e as rendas proporcionais à produção, relativas aos foros pagos aos senhores.

A paisagem de Frielas e seu termo devia ser um complexo mosaico de pequenos lotes, confrontando uns com os outros e explorados por foreiros diferentes. A propriedade não se apresentava contínua ou de vasta extensão³³, podendo mesmo haver sobreposição de senhores na mesma área.

Estes pequenos lotes constituíam o alódio vilão, individual ou colectivo, estava integrado no senhorio, ao qual prestava homenagem e ao qual pagava algum tipo de prestação, quer em dinheiro, quer em género.

³² MATTOSO, José, *Ibidem*, Vol. II, p. 71.

³³ *Nova História de Portugal*, Vol. IV, p. 80.

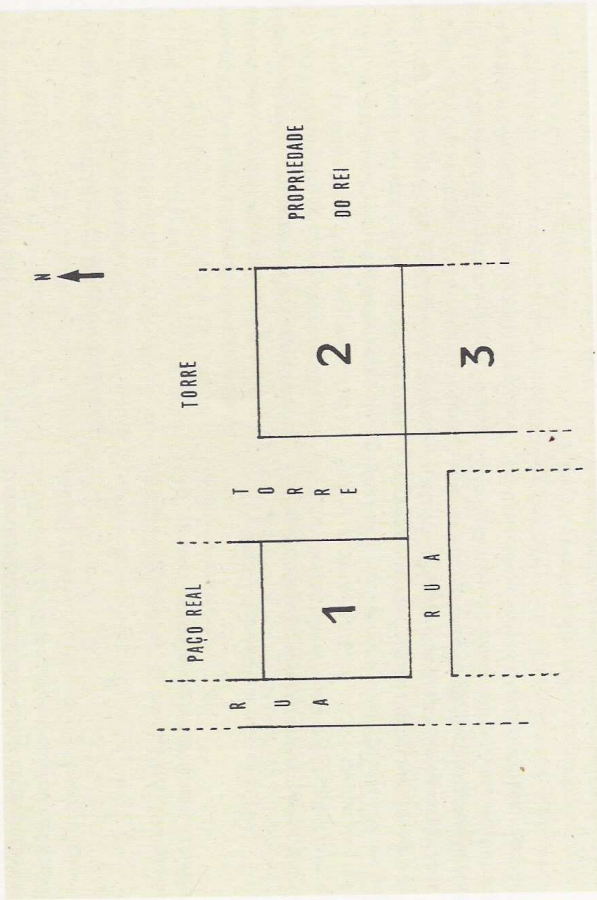
4. O REGUENGO DE FRIELAS

A fixação deste ponto de observação é importante para compreender a importância de Frielas no século XIV, como se pode verificar pela análise da documentação das Chancelarias Régias e da Colegiada, quer em relação à doação das rendas dos três reguengos ao Almirante Manuel Pessanha, como relativamente aos tabeliães que exerciam a sua actividade naquela localidade.

A reconstituição da vila de Frielas, que consta do artigo “Frielas Medieval”³⁴, tem como ponto de partida o Paço Real, ladeado por uma torre e casas, tal como se pode verificar da imagem da página seguinte. O Rei D. Dinis comprou as casas para poder expandir-se e aumentar a dimensão do seu Paço.

As compras feitas por D. Dinis reflectem que, para ele, esta localidade e a sua envolvente detinham uma importância bastante significativa e, por outro lado, complementavam o domínio do rei, que já era exercido através do Reguengo de Frielas.

³⁴ BARBOSA, Pedro Gomes, VICENTE, António Balcão, “Frielas Medieval”, *O Medieval e o Moderno em Loures, Viagens pelo Património*, Câmara Municipal de Loures, Loures, 1999, p. 29.



Paço Real de Frielas
tentativa de percepção do envolvimento
através de documentação diáspora

- Legendas:
1. Casa que Miguel Martins vende a D. Ditis
 2. Casas (três) que João Martins Vilão e Estêvão Domingues venderam a D. Dinis
 3. Casas da Igreja de Frielas (e igreja?)

Nota: As propriedades não teriam forma regular. Trata-se apenas da elaboração da malha através das indicações das confrontações, que estão referidas segundo os pontos cardeais. As propriedades contíguas teriam saídas privadas ou serventias que dariam para as ruas públicas, as únicas indicadas como tais nos documentos. O traçado do desenho indica limites hipotéticos, já que nos faltam informações sobre para onde se estendiam as ruas, ou dos limites das propriedades para lá das confrontações.

IMAGEM 1 – PAÇO REAL DE FRIELAS, TENTATIVA DE RECONSTITUIÇÃO.

4.1. OS REGUENGOS

Os bens designados por reguengos eram constituídos por todos os domínios pertencentes ao rei. A sua existência revelou-se muito importante desde a reconquista cristã na faixa extremo - oriental da Península Ibérica até às reformas do Liberalismo, dos séculos XIV ao XIX. Os reguengos atravessaram, não sempre da mesma forma, a história de Portugal, até à Revolução Liberal. A separação de poderes, consequência da remodelação administrativa da década de 1830, veio contrariar a realidade social e económica do reino.

As divisões territoriais foram abolidas, fazendo desaparecer concelhos, honras, beatrias, julgados e reguengos³⁵.

A sua organização não era muito distinta dos restantes bens patrimoniais, mas tinham alguns traços próprios, pelo facto de pertencerem ao órgão supremo do poder público.

Numa fase primitiva, distinguiam-se os reguengos como bens patrimoniais do rei, dos bens da coroa, ou seja, dos bens “confiscais da coroa” de que os monarcas seriam meros administradores, só podendo dispor dos seus rendimentos mas não aliená-los definitivamente³⁶. Podem-se encontrar Direitos realengos na tributação.

³⁵ AZEVEDO, Pedro de, *Os Reguengos da Estremadura na 1ª dinastia, Miscelânea de Estudos em honra de D. Carolina Michaelis de Vasconcelos*, Coimbra, 1930, pp. 1 a 4.

³⁶ “Reguengos”, *Dicionário de História de Portugal*, Dir. Joel Serrão, Vol. II, Iniciativas Editoriais, 1985, pp. 563-564.

Na História da Administração Pública em Portugal, de Gama Barros³⁷, o Vocábulo *reguengo* tem duas significações, uma vaga e outra restrita:

1 – bens em que a coroa tinha domínio, ou fosse pleno, ou só directo;

2 – aqueles bens em que o domínio era pleno e não dos foreiros.

Eram vários os tipos de propriedades e bens que os reguengos compreendiam, tais como terras, prédios, instalações fixas de produção – como moinhos, fornos, prensas, lagares e outras – cursos de água, marinhas de sal, pesqueiras de água doce e centros de pesca marítima, edifícios utilizados em instalações oficinais, estabelecimentos comerciais e mercados, etc.

O primeiro acto legislativo, que se conheça, referente a reguengos, pertence já ao reinado de Afonso III.

Nas inquirições de 1221 há uma divisão especial para os reguengos: prestações agrárias ou miunças, mas os serviços pessoais e outras obrigações de variada espécie descrevem-se nas séries dos foros ou dádivas³⁸.

Nas Inquirições de 1258, a distinção entre reguengos e prédios forais é quase sempre duvidosa e muitas vezes impossível. Estão ambos obrigados ao serviço militar a cavalo.

Na Provisão de 2 de Abril de 1265, a administração fiscal distingue herdades realengas de herdades foreiras. Há três espécies de bens: prédios enfitêuticos, reguengos (*meas hereditates regalengarias*); prédios da coroa, usufruídos por cavaleiros nobres e pelas Ordens em paga do serviço militar.

³⁷ BARROS, Henrique Gama, *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XIV*, Vol. VII, Imprensa Nacional, Lisboa, 1858-0934, p. 227 pp. 382-383.

³⁸ BARROS, Henrique Gama, *Ibidem*, Vol. VIII, Capítulo IV, pp. 135-158.

Em 1311 julgou-se necessário ocorrer novamente à abusiva alienação dos reguengos, que o acto legislativo de D. Afonso III procura evitar.

Igrejas, Ordens, fidalgos e clérigos compravam nos reguengos; e eram muitos os que andavam alheados da coroa, que por este motivo não cobrava deles os direitos que lhe pertenciam. Se os agentes fiscais reclamavam respondiam-lhes que os demandasse a coroa no foro de quem estava de posse, porque não era ele, o rei, o juiz competente.

D. Dinis decreta que nenhum dos sobreditos privilegiados compre ou por qualquer maneira adquira nos reguengos, ao vendedor condena a perda do preço, e ao comprador a do prédio³⁹.

4.2. O CASO DE FRIELAS

Os reguengos estavam muitas vezes encravados em territórios municipais, e o reguengo de Frielas não era excepção.

Pela qualidade e riqueza das terras de Frielas e seu termo, pode concluir-se que o reguengo de Frielas, a par dos reguengos de Sacavém e Unhos, representavam um bem com grande valor para o rei. Como o rei detinha estes reguengos, dominava toda a zona de passagem desde a Várzea de Loures até ao Tejo, na foz do rio Trancão em Sacavém.

O pagamento pelos serviços prestados pelo Almirante Manuel Pessanha, o Genovês, fazia-se através da atribuição de uma verba anual que provinha das rendas dos reguengos de Frielas, Sacavém e Unhos. O rei D. Dinis, em 1317, conforme se verifica

³⁹ Idem, *Ibidem*, Vol. VIII, capítulo VIII, pp. 382-388.

na sua Chancelaria Régia⁴⁰, doa as rendas, no valor de 3 000 Libras anuais e o lugar da Pedreira em Lisboa, ao Almirante do Reino, com cariz hereditário.

No entanto, e curiosamente, em 1319, o rei D. Dinis faz um escambo com o Almirante⁴¹, que já estava previsto em 1317, pelo qual o rei recebeu os reguengos de Frielas, Unhos e Sacavém e deu em troca a vila de Odemira e o reguengo de Algés, termo de Lisboa.

Através deste escambo poder-se-á presumir que o rei resgata a renda de terras mais ricas, alegando que a doação tinha sido temporária, oferecendo em troca a vila de Odemira e o seu castelo, que seria de difícil povoamento, e o reguengo de Algés, situado igualmente no termo de Lisboa.

4.3. OS TABELIÃES DE FRIELAS

A localidade de Frielas tinha tabeliães próprios, que produziam uma grande variedade de instrumentos, maioritariamente transacções, aforamentos e testamentos. Os tabeliães surgem por determinação régia e assumem um papel importante no governo local.

Na documentação compulsada na Colegiada de Frielas e nas chancelarias de D. Dinis e de D. Afonso IV, as referências são explícitas quanto à identificação do local em que os tabeliães exercem a sua actividade; denominam-se “*publico tabelião de Frielas e Sacavém*”, o que demonstra a relação próxima entre estas duas localidades, que tinham em comum terem reguengos nos seus termos.

⁴⁰ IAN/TT, *Chancelaria de D. Dinis* – Livro 3, Fl. 108, Liv. 18 de Afonso V Fl. 81, Liv de Extras Fl 105, Liv. 2 de Místicos Fl. 21, e Liv. de D. Pedro

⁴¹ IAN/TT, *Ibidem*, 1º 3, fl. 127, 2ª col.; As Gaveyas da Torre do Tombo, Vol. X, 7-7.

É notória a produção de documento por tabeliães, como se pode verificar através dos seus nomes e dos anos em que os assinam:

- João Queveo em 1309⁴²
- Vicente Pais em 1310⁴³
- Estêvão Martins em 1324⁴⁴
- Rodrigo Eanes 1332, 1334 e 1344⁴⁵
- Gomes Peres 1332, 1333, 1334 e 1341⁴⁶
- João do Largo 1360; 1357; 1355⁴⁷;
- Lopo Esteves de Frielas em 1346 e 1347⁴⁸;
- Gonçalo Domingues 1371; 1368; 1371 1374; 1372; 1374; 1375⁴⁹;

Igualmente, a partir da documentação da Colegiada e das Chancelarias, são mais de 40 os instrumentos que são produzidos em Frielas, quer sejam no Paço do Rei, no Adro da Igreja, nas casas do Alvazil, ou mesmo em casa do Tabelião que os subscreve.

Estes homens, provavelmente, são moradores em Frielas ou Sacavém e ocupam lugar de destaque nessas localidades, ao nível da administração dos respectivos concelhos, conheciam bem a realidade quotidiana e mereciam a confiança das populações⁵⁰.

⁴² IAN/TT - Chanc. D. Dinis –Livro 2 Direitos Reais, Fl. 200 e 200v.

⁴³ IAN/TT - Chanc. D. Dinis –Livro de Reis, Fl. 41v.

⁴⁴ CSJF, Maço 2, N° 10.

⁴⁵ CSJF, Maço 1, N° 19, Maço 1 N° 75 e Maço 1 N° 71.

⁴⁶ CSJF, Maço 1, N° 18, Maço 1 N° 32, Maço 1 N° 6 e Maço 1 N° 63.

⁴⁷ CSJF, Maço 1, N° 66, Maço 1 N° 65, Maço 2 N° 21.

⁴⁸ CSJF, Maço 1, N° 7, N° 8, N° 9, N° 78 e Maço 2, N° 16.

⁴⁹ Maço 1 N° 14, Maço 1 N° 60, Maço 2 N° 26, Maço 1 n° 5, Maço 1 n° 37, Maço 1 n° 39, Maço 1 n° 41.

⁵⁰ COELHO, Maria Helena da Cruz, *Os Tabeliães em Portugal, perfil profissional e sócio-económico (Séculos XIV-XV)*, sep. de *História. Instituições. Documentos*, Publ. de la Universidade de Sevilha, 1996.

Exemplo do atrás referido, poderá ter sido Gomes Peres (da Romeira), que foi Alvazil de Lisboa (antes de 1329) e Desembargador Régio (1321)⁵¹.

Deveria igualmente ser o caso de Lopo Esteves de Frielas, que foi oficial concelhio em Lisboa. Para além de Escrivão do rei (1336-1374), assumiu funções de Vereador (1364-1365 e 1373-1374), de Procurador do Concelho (1362-1363), de Alvazil do Crime (1370-1371), de Almoхарife das Avenças (1376- 1379) e de Almoхарife da Alfândega (1379)⁵².

⁵¹ FARELO, Mário Sérgio da Silva, *A Oligarquia Camarária de Lisboa*, (1325-1433), Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008, p. 436.

⁵² *Idem*, *Ibidem*, pp. 540-541.

5. ESTRUTURA DA COLEGIADA DE S. JULIÃO DE FRIELAS

As colegiadas enquadravam-se no clero secular, isto é, não eram compostas por religiosos de clausura. Instituíam-se em Igrejas Paroquiais, que não se limitavam a ter somente um cura. Possuíam um prior e beneficiados ou raçoeiros.

Em Portugal, segundo uma lista de igrejas de 1320-1, mandada fazer no final do reinado de D. Dinis⁵³, constata-se que há mais colegiadas no sul e no centro do que no Norte, onde a organização eclesiástica se baseava em mosteiros e numa grande quantidade de paróquias rurais pequenas⁵⁴.

As colegiadas tinham maior expressão na área de influência do Bispado de Lisboa, onde todas as sedes de concelho e as vilas de maior importância eram dotadas de uma estrutura eclesiástica deste tipo.

As colegiadas exerciam a sua actividade religiosa não só no centro urbano, mas também sobre o respectivo termo rural, e tinham como função o culto divino com solenidade e a cura das almas.

De acordo com a informação disponibilizada pela Direcção Geral de Arquivos/Arquivo Nacional da Torre do Tombo, relativa ao Fundo Documental da Colegiada de São Julião de Frielas, a Igreja pertenceu ao Distrito Eclesiástico de Lisboa, passando posteriormente para a alçada do bispado, depois para o arcebispado e finalmente para o patriarcado de Lisboa.

Em 1191, as igrejas foram divididas entre o bispo e o cabido de Lisboa e a Igreja de São Julião de Frielas ficou a pertencer ao bispo D. Soeiro Anes.

⁵³ A lista foi publicada também na História da Igreja em Portugal, de Fortunado de Almeida em 1967.

⁵⁴ “Colegiada”, *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Dir. Carlos Moreira de Azevedo, Círculo de Leitores, Rio de Mouro, 2000, pp. 399-403.

No século XIV, a igreja era do padroado real, e em 1318, o rei D. Dinis concede a apresentação do priorado à abadessa do Mosteiro de São Dinis de Odivelas, que foi confirmada pelo bispo D. Frei Estêvão e pelo cabido de Lisboa.

A extinção da Colegiada de São Julião de Frielas deu-se, provavelmente em 1848, por altura da promulgação da Lei de Desamortização de 16 de Junho.

A composição das colegiadas era variada, não excedendo, em regra os dez elementos. A maioria deveria ter cinco ou seis clérigos, o que provavelmente acontecia na Colegiada de São Julião de Frielas. Como se pode observar no quadro seguinte, a referência ao prior e raçoeiros nunca ultrapassa os quatro em cada documento.

Para além da referência nominal e, por vezes, dos lugares que ocupavam na estrutura da Colegiada, as informações são escassas quanto às origens sociais e de proveniência dos priores e beneficiados/raçoeiros.

A Colegiada, tal como o nome indica, tinha como base um colégio, que era constituído por um núcleo central de Prior e Beneficiados/Raçoeiros. Podiam ser associados outros clérigos, com funções específicas, como por exemplo, os Capelães⁵⁵.

Data	Prior	Raçoeiros/Beneficiados	COTA: DGARQ/ANTT/CSJF
1325		Martim Vicente	Maço 2, N° 11
1334 (trasl)	Fernando Afonso	João Fernandes, Estêvão Martins e Estêvão Domingues	Maço 2 N° 2

⁵⁵ RODRIGUES, Ana Maria S. A., *Espaços, Gente e Sociedade no Oeste: Estudos sobre Torres Vedras*, “A formação e exploração do domínio da Colegiada de S. Pedro de Torres Vedras”, “As Colegiadas de Torres Vedras nos séc. XIV e XV”, Estudos Patrimonia Historica, Cascais, 1996, pp. 208-228.

Data	Prior	Raçoeiros/Beneficiados	COTA: DGARQ/ANTT/CSJF
1341	Fernando Afonso	Afonso Martins e Estêvão Martins	Maço 1 N° 63
1344 (trás)		João Afonso e Gil Domingues	
1346		Afonso Martins	Maço 1 N° 33
1353	Afonso Vicente	Prioste - Gonçalo Martins	Maço 1 N° 64
135...	Afonso Vicente	João Afonso Calvo e Fernando Afonso	Maço 1 N° 17
1354		Gil Domingues	Maço 2 N° 2
1362	Afonso Vicente	João Afonso Calvo e Fernando Afonso	Maço 2 n°1
1362	João Leonardes	Pêro Gonçalves e Gonçalo Anes	Maço 2 n° 24
1368	Afonso Vicente	Capelão João Afonso e Fernando Afonso	
1372		João Afonso	Maço 1 n° 37
1374		Prioste - Fernando Afonso	Maço 1 n° 39
1374		Gonçalo Gonçalves	
1375	João Afonso	Prioste – Gonçalo Esteves e Gil Domingues	Maço 1, N° 41
1376		João Afonso e Fernando Afonso	Maço 1, N° 42
1377	João Afonso		Maço 2, N° 28
1379		Clérigo - João Afonso	Maço 2, N° 30
1379	Gonçalo Anes	Prioste e congrueiro – João	Maço 1, N° 54

Data	Prior	Raçoeiros/Beneficiados	COTA: DGARQ/ANTT/CSJF
		Afonso, Fernando Afonso e Álvaro Gonçalves	
1385		João Afonso	Maço 2, N° 32
1385		Testamenteiro – João Afonso	Maço 1, N° 45
1387		João Afonso	Maço 1, N° 87
1395		Afonso Calvo	Maço 1, N° 48
1395		João Afonso	Maço 1, N° 47
1395		Prioste – João Afonso	Maço 1, N° 82
1399		João Afonso	Maço 1, N° 49
1411	Gonçalo Gonçalves		Maço 2, N° 36
1414	Gonçalo Gonçalves		Maço 1, N° 26
1416	Gonçalo Gonçalves		Maço 1. n° 27
1417	Gonçalo Gonçalves		Maço 1, n° 28
1418	Gonçalo Gonçalves		Maço 1, N° 29
1419	Gonçalo Gonçalves		Maço 1, N° 4
1440	Gonçalo Gonçalves	Fernão D’Alvarez e Diogo Afonso	Maço 1, N° 30

Data	Prior	Raçoeiros/Beneficiados	COTA: DGARQ/ANTT/CSJF
144...	Afonso Lourenço	____(?) Martim e Afonso Afonses	Maço 1, N° 25
1540	Jorge Rodrigues	João Fernandes, Capelão do Cardeal, Fernão Rodrigues, Gaspar de Faria e André Cotrim, outrossim Mestre e Capelão do Cardeal.	Maço 4, Livro 1
1572	João Dornelas Sayavedra	José Lopes e Marcos Luís	Maço 3, N° 2
1574	João Dornelas Sayavedra	José Lopes, Gaspar Mendes e Marcos Luís	Maço 3, N° 1
1574	João Dornelas Sayavedra	José Lopes, Gaspar Mendes e Marcos Luís	Maço 3, N° 1
1581	Fernão Lopes	Jorge Lopes e Gaspar Mendes	Maço 3, N° 23
1583	Fernão Lopes	Jorge Lopes e Gaspar Mendes	Maço 3, N°22
1584	Fernão Lopes	Jorge Lopes e Gaspar Mendes	Maço 3, N° 4
1584	Fernão Lopes	Jorge Lopes e Gaspar Mendes	Maço 3, N° 25
1590	Fernão Lopes	Mateus Ferreira, Manuel Lionardes e Bastião Delgado	Maço 3, N° 3
1590	Fernão Lopes	Mateus Ferreira, Manuel	Maço 3, N° 24

Data	Prior	Raçoeiros/Beneficiados	COTA: DGARQ/ANTT/CSJF
		Lionardes, Nuno Afonso e Bastião Delgado	
1590	Fernão Lopes	Mateus Ferreira, Manuel Lionardes, Nuno Afonso e Bastião Delgado	Maço 3, N° 27

QUADRO 1 – PRIORES E RAÇOEIROS

5.1. OS PRIORES

A partir da leitura deste quadro, conclui-se que os lugares da Colegiada eram ocupados por períodos muito variados. Desta forma, há registo de priores que se mantiveram no cargo durante longos períodos. Fernando Afonso, de 1334 a 1353, assumiu o cargo durante 19 anos e Gonçalo Gonçalves, de 1411 a 1440 por 29 anos.

Outros houve que só aparecem referenciados na documentação uma vez, como por exemplo Gonçalo Anes (1379), Afonso Lourenço (144...) e Jorge Rodrigues (1540).

Poderá considerar-se como tempo de ocupação média do cargo os casos de Afonso Vicente (135...-1368) e Fernão Lopes (1581-1590), que foram os priores da Colegiada de S. Julião de Frielas durante cerca de 10 anos.

De entre todos os priores enumerados no quadro acima, o único em que é possível identificar as suas origens e ascendência é o Prior João Dornellas Sayavedra. Através de

duas páginas de Internet – www.familysearch.org e <http://familytrees.genopro.com>, apurámos a existência de Maria Dornellas Sayavedra, nascida em 1546 e falecida a 1616 em Vila Praia da Terceira, Açores. Anteriormente, há referência a Catarina Dornellas Sayavedra, que nasceu na Madeira em 1450, tendo ido para a Terceira em 1474, aquando do seu casamento. Morreu nesta ilha em 1511, na Praia da Vitória.

É possível que o Prior João Dornellas Sayavedra fosse irmão de Maria e que, ao contrário da permanência nos Açores de sua irmã, tenha vindo para o Continente para valorizar a sua vida eclesiástica. Esteve em funções de prior de 1572 a 1574.

5.2. OS BENEFICIADOS/RAÇOEIROS

Os beneficiados/raçoeiros eram nomeados pelo Prior, muitas vezes entre os seus familiares ou dependentes.

Por coincidência, ou não, há apelidos comuns, quer entre raçoeiros, quer entre estes e os priores.

Em 1341, são identificados Afonso e Estêvão Martins. E, em 1353, o prioste é Gonçalo Martins. Este apelido é dos mais comuns e numerosos em Portugal, mas poderá eventualmente indiciar algum grau de parentesco.

O mesmo se passa com o apelido Afonso, que aparece repetido desde meados até ao fim do século XIV. São referenciados João e Fernando Afonso diversas vezes, durante este período, e assumem cargos de prioste e testamenteiro. João Afonso terá sido, mesmo, prior de 1375 a 1377, provavelmente.

Da documentação compulsada dos Maços 1 e 2, é possível identificar dois priores da Colegiada: Fernando Afonso e Afonso Vicente. No entanto, existem elementos contraditórios quanto às datas do desempenho destas funções, pois nos anos 1341, 1354 é Fernando Afonso o prior, mas há um documento datado de 1354, em que Afonso Vicente é denominado prior, igualmente.

Os raçoeiros, que surgem associados ao prior Fernando Afonso são: Afonso Martins, Estevão Domingues, Estevão Martins, Gil Domingues e João Fernandes. Ao prior Afonso Vicente associam-se os raçoeiros Fernando Afonso, João Afonso, o calvo, Gil Lopes e Gonçalo Martins.

O raçoeiro João Afonso é o clérigo que aparece mais vezes na documentação, mas a datação é contraditória, mais uma vez. Há indicação que este raçoeiro assumia as funções de prioste e de testamenteiro. Num documento de 1375, no entanto, é referido o raçoeiro Gonçalo Esteves como prioste, o que sugere que tenha havido dois raçoeiros João Afonso, sendo utilizada a expressão “calvo” para os distinguir.

De 1412 a 1418, os documentos indicam, claramente, que o prior é Gonçalo Gonçalves e o raçoeiro que é referido é João Gonçalves, o que sugere algum parentesco, mais provavelmente irmão.

Em 1440, é Afonso Lourenço o prior, e os raçoeiros são Fernão d' Alvarez e Diogo Afonso.

6. EXPLORAÇÃO DO DOMÍNIO DA IGREJA DE SÃO JULIÃO DE FRIELAS

6.1. ESTRATÉGIA DE AQUISIÇÃO

Após estudo e análise da documentação existente nos maços 1 e 2 da Colegiada de S. Julião de Frielas, que se encontram à guarda da Direcção-Geral de Arquivos/Torre do Tombo, constatou-se que não existem documentos de contratos de compra por parte da Igreja, que se traduzam em formas jurídicas de aquisição de propriedade. Este facto pode causar alguma estranheza, mas não total. Quando eram doados os bens, os títulos de posse transitavam para a Colegiada, assumindo a forma pública de prova da propriedade urbana ou rural; e continham o sinal tabeliónico, o que significava que estavam registados em livros de papel.

As doações constituíam uma forma de aumentar o domínio, mas na documentação compulsada só existe um caso explícito em que há bens doados à Colegiada. Em 1362, Vicente Eanes Bocarro doa uma herdade que se situa no termo de Frielas⁵⁶.

6.2. DOAÇÕES AO MOSTEIRO DE S. VICENTE DE FORA

Para tentar colmatar este facto, optou-se por verificar as doações ao Mosteiro de S. Vicente de Fora (1ª Incorporação) de 1300 a 1377. Esta instituição detinha um domínio vastíssimo em todo o termo de Lisboa a partir do século XII e por isso poderá servir como modelo na contextualização dos dados omissos ou desconexos da Colegiada de

⁵⁶ DGARQ/ANTT, *CSJF*, Maço 1, N° 23.

São Julião de Frielas. A colegiada, em termos de prestígio e de congregação das almas, estaria muito distante em grau de importância de São Vicente de Fora.

Existem 32 cartas de doação ao Mosteiro de S. Vicente de Fora, durante este período. Os bens doados eram de tipologia variada, mas destacam-se as casas, as vinhas e as herdades⁵⁷.

Na distribuição temporal constata-se que a maioria das doações são feitas entre os segundo e terceiro quartéis do século XIV, sendo entre os anos de 1345 e 1375 em que há mais bens doados.

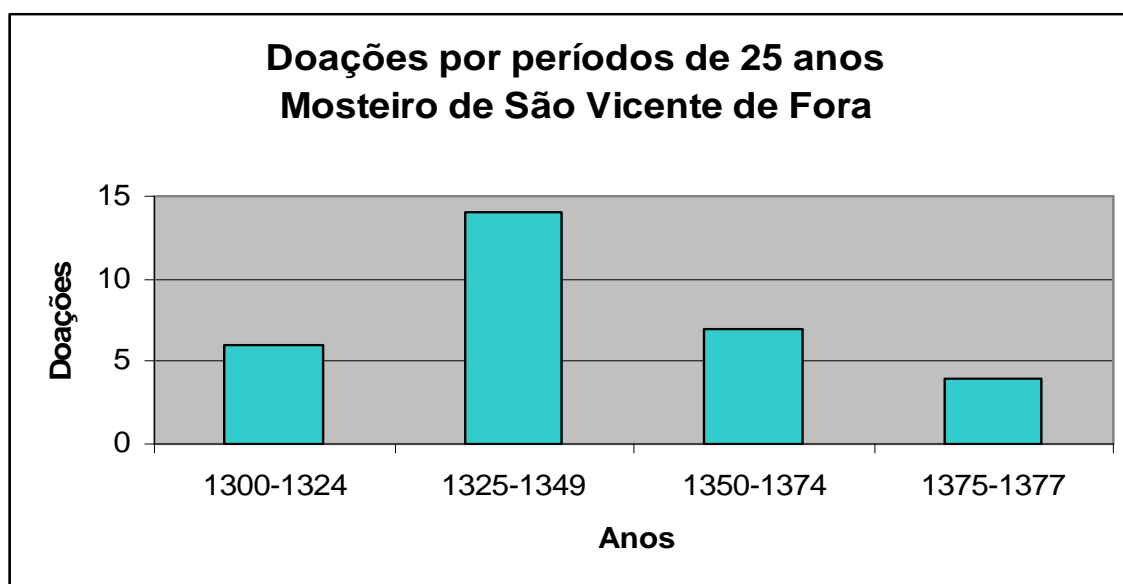
Pode causar alguma estranheza o facto das doações terem maior incidência antes da Peste Negra ter grassado o território português, ou em finais de Setembro de 1348 ou mesmo antes, na Primavera do mesmo ano⁵⁸. A partir desta data e até ao final do século XIV, sucessivas epidemias se seguiram, embora menos mortíferas. No entanto, as consequências demográficas dos acontecimentos da segunda metade do século, foram muito significativas.

Provavelmente, as pessoas, antevendo um fim próximo, devido às epidemias, procuravam a salvação das suas almas através da doação de bens às Igrejas, Mosteiros e outras instituições eclesiásticas. Em troca, eram celebrados aniversários pelas suas almas, que ficavam registados por escrito.

⁵⁷ IDEM, *MSVF*, Maço 4, N° 2; Maço 6, N° 24 e N° 36; Maço 7, N° 4, N° 14, N° 19 e N° 25; Maço 8. N° 31 e N° 33; Maço 9, N° 9 e N° 40; Maço 11, N° 38 e N° 40; Maço 13, N° 7 e N° 42; Maço 15, N° 44; Maço 16, N° 8 e N° 32; Maço 22, N° 22.

⁵⁸ *Nova História de Portugal*, pp. 20-21.

GRÁFICO 1 – DOAÇÕES AO MOSTEIRO DE SÃO VICENTE DE FORA



6.3. O DOMÍNIO DA COLEGIADA

No fundo documental da Colegiada de São Julião de Frielas, existem, sim, contratos de arrendamento/emprazamento/aforamento, testamentos, obrigação de aniversários instituição de capelas, instrumento de fronta e confronta, pagamento de soldada, instrumentos de quitação, disputa de ração, renúncia de bens a favor da Igreja, avença carta de privilégio aos eclesiásticos.

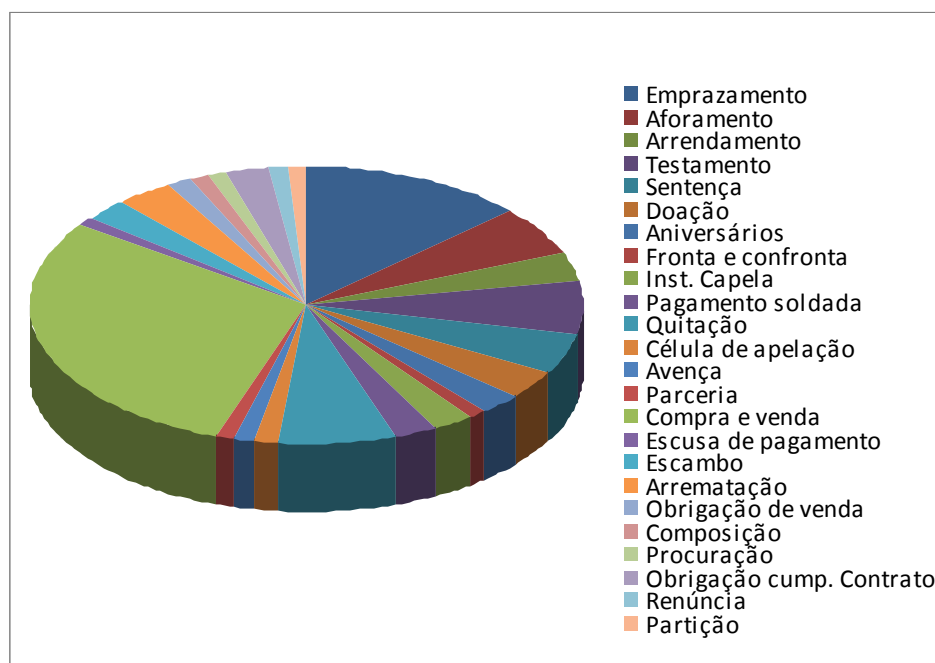
Através dos contratos de arrendamento, aforamento, emprazamento e das doações em que o primeiro interveniente é a ISJF, é possível conhecer o tipo de bens que a Igreja de S. Julião de Frielas detém/possui. Assim, são estes os bens: vinhas, casas, marinhas, lagares, courelas, bens de raiz, sal das marinhas, herdades de pão, olivais com os seus chãos e uma quinta.

Os documentos em que os intervenientes são exclusivamente particulares, são uma fonte excelente para o estudo do domínio da Colegiada, na medida em que fazem prova

da posse dos bens no passado. Os bens identificados nos documentos são: herdamentos, com casas, currais, pomares, hortas, vinhas, fontes, montes, águas e matos (mas é em Caneças). Em Frielas e no seu termo: herdades, terras de pão, marinhas com muros e viveiros, courelas de vinhas, figueiredos com seus chãos, oliveiras, uma almuinha pequena, casas e casas com seu chouço⁵⁹, currais, canaveira, túnel de vinho tinto, bens, moinhos de pão, metade de um terço de um casal e um quinhão de uma esterqueira.

No cômputo geral, os instrumentos e cartas analisadas têm uma tipologia muito variada, no entanto as cartas de venda ocupam o primeiro lugar, seguidas de instrumentos de exploração indirecta: emprazamentos, aforamentos e arrendamento.

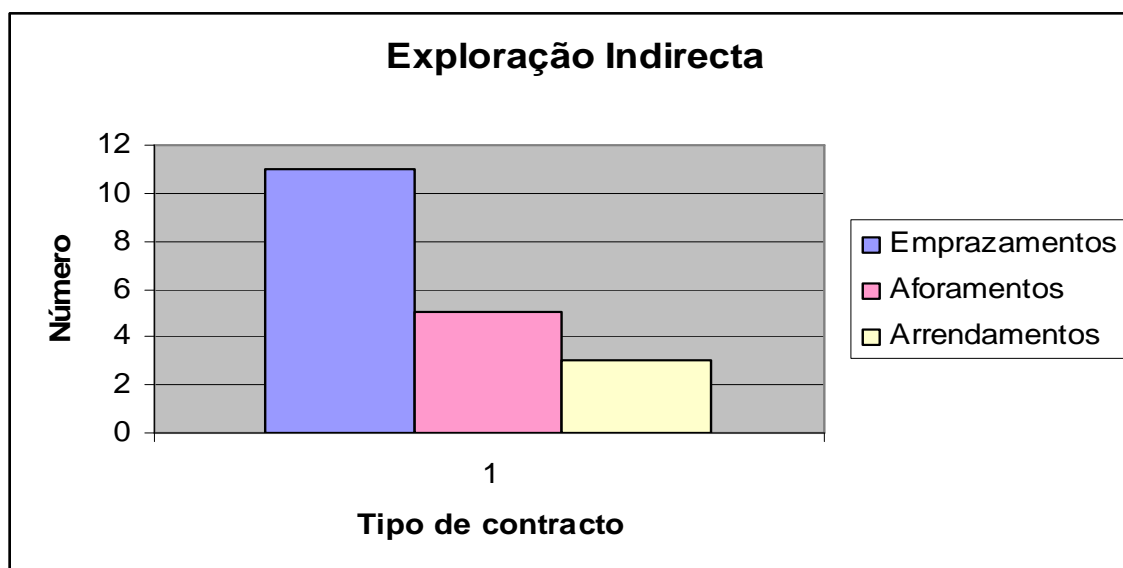
GRÁFICO 2 – TIPOLOGIA DOS INSTRUMENTOS



⁵⁹ Terreno fechado.

A relação percentual dos instrumentos de exploração indirecta é a seguinte:

GRÁFICO 3 – EXPLORAÇÃO INDIRECTA



6.4. CONJUNTURA ECONÓMICA

Desde o final do século XI até ao início do século XIV assiste-se ao abandono do sistema dominado pelo auto-consumo, para o substituir progressivamente pela economia de produção e trocas⁶⁰.

D. Afonso III transforma o Estado e os domínios régios numa autêntica empresa pré-capitalista, cujo financiamento se baseia numa hábil política monetária, em que a difusão da moeda é sentida em todos os níveis locais do país, mesmo nos meios rurais. Esta política é continuada com o mesmo vigor por D. Dinis, que herda uma administração régia bem organizada e com rendimentos assegurados, mas sem intervir tão agressivamente nos problemas monetários. A intervenção mais directa dá-se aos níveis fiscal e contabilístico. D. Dinis não se contenta em tomar medidas de carácter

⁶⁰ MATTOSO, José, *Identificação de um País*, Vol. II, p. 28.

puramente financeiro, mas investe os rendimentos provenientes do controlo fiscal apertado nos seus domínios em estruturas produtivas⁶¹.

As sucessivas crises que assolaram o século XIV na Europa e, mais especificamente, em Portugal levaram a uma baixa na produção dos cereais. As pestes dizimaram grande parte da população, baixando a procura e o consumo.

Todavia, algumas actividades sofreram um incremento considerável, levando a uma maior produção de vários tipos de bens: vinho, sal e fruta. Estes produtos tornaram-se uma fonte de riqueza importante para o comércio externo e para a economia de troca com o resto da Europa⁶².

6.5. OS BENS

Limitando a análise da documentação à área geográfica da Freguesia de Frielas e às freguesias limítrofes Apelação, Unhos e Loures, é possível agrupar os bens quanto à sua tipologia.

Assim, em relação aos meios de produção e transformação, encontramos duas adegas, duas azenhas e três lagares⁶³. É de realçar que estes documentos se reportam às chancelarias de D. Dinis e D. Afonso IV, que se assumem como compradores de meios de produção.

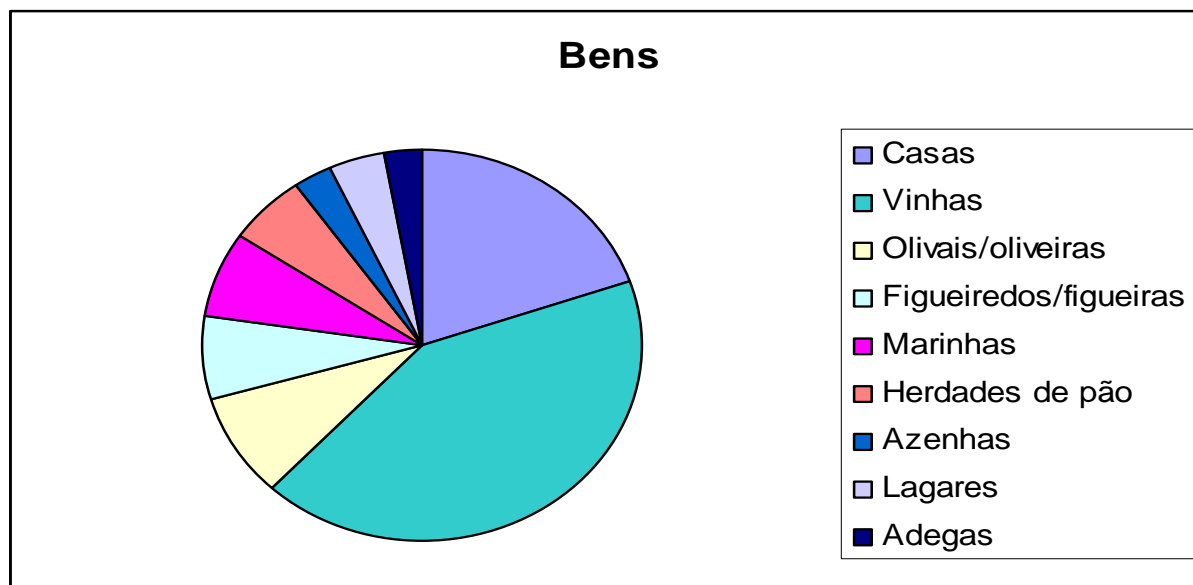
⁶¹ Idem, *Ibidem*, pp. 38-40.

⁶² *Nova História de Portugal*, Introdução.

⁶³ DGARQ/IANTT *Chanc. D. Dinis* – Comuns Livro 3 Fl. 6; Livro 2 Direitos Reais, Fl. 200 e 200v e *Chancelarias Portuguesas – D. Afonso IV*, Organização de A. H. Oliveira Marques, Vol. II (1336-1340), Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1992, N° 143.

Em 1376 e 1378, há dois documentos que referem a Adega da Rainha, demonstrando que a rainha D. Leonor, mulher do rei D. Fernando, continuava a ser a detentora de um dos meios de produção de Frielas⁶⁴.

GRÁFICO 4 – OS BENS



6.6. AS CULTURAS

As culturas predominantes na área geográfica de Frielas são a vinha, os olivais, o sal e os figueiredos, segundo a contabilização dos bens que constam na documentação. A vinha ocupa um lugar de destaque

⁶⁴ DGARQ/ANTT, *CSJF*, Maço 1, N° 43 e N° 73.

Tendo em conta o incremento das trocas comerciais e do comércio externo, e que estas actividades assumiram grande importância no século XIV, as culturas abaixo discriminadas estão em consonância com os produtos mais exportados para a Europa;

➤ Vinha – o produto que se obtinha da vinha, o vinho, também assume um papel de destaque tanto ao nível interno como ao nível do comércio externo. Países como a Flandres, a França, a Alemanha e as Ilhas Britânicas eram receptores de grandes quantidades de vinho português, das várias regiões, como a Estremadura, onde a zona de estudo da presente dissertação se insere.

➤ Oliveira – o azeite, base da alimentação mediterrânica e medieval, não ocupava lugar de destaque nas exportações, mas normalmente acompanhava os destinos europeus do vinho.

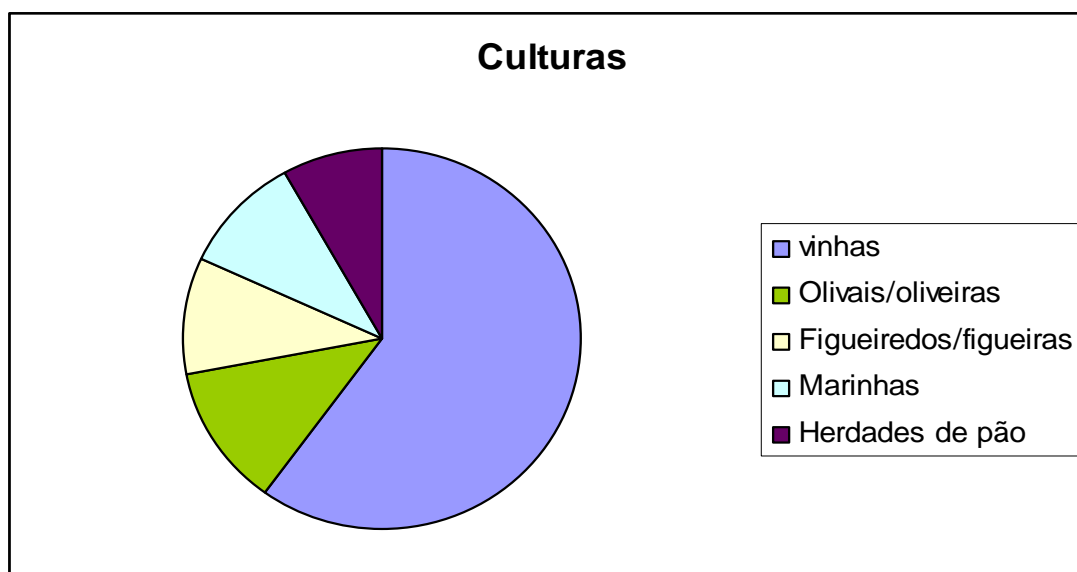
➤ Sal – o sal português era um bem precioso para muitos países do Norte da Europa. A exportação deste bem era muito significativa como fonte de receitas para Portugal, que conseguia apresentar um produto de boa qualidade, barato e abundante.

➤ Figueiredos – a fruta também estava entre os três produtos mais exportados para a Europa. O figo maduro, sobretudo a partir do Algarve, que era uma fruta muito cobiçada.

Da região de Lisboa saíam assim os produtos mais importantes e com mais peso na balança das exportações, sintetizando harmoniosamente os três maiores⁶⁵.

⁶⁵*Nova História de Portugal, Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV* Vol. IV, Lisboa, 1987, pp. 165-170.

GRÁFICO 5 – AS CULTURAS



6.7. TRANSACÇÕES

A análise dos foros e dos preços dos bens transaccionados a que a documentação diz respeito, não é uma tarefa fácil. Não existe uma verdadeira percepção da dimensão das propriedades, porque só na documentação referente ao século XVI é que as propriedades da Igreja de São Julião de Frielas são todas medidas por uma equipa de avaliadores.

Como já se referiu anteriormente, a estrutura económica da Nobreza no século XIV era predominantemente senhorial. No entanto, o senhorio típico, de exploração directa da terra, foi desaparecendo. A exploração indirecta colocou o senhor numa posição

vulnerável, assumindo-se como arrendatário. Ficou, assim, refém das flutuações dos preços e da moeda⁶⁶.

Por outro lado, a localização exacta do bem não é conhecida, tornando-o muito genérico e sem especificidades suficientes que o distingam dos outros. A comparação entre preços de foros e de valores de compra e venda é, assim, muito dificultada e as conclusões que se podem retirar desta análise são muito pouco satisfatórias.

No entanto, é possível fazer um estudo comparativo a partir dos dados retirados da documentação, relativizando-os ao acervo documental em questão e limitando a sua leitura ao tempo e ao espaço em apreço.

6.8. OS FOROS

As prestações impostas aos foreiros variavam. Encontram-se casos em que elas são pagas em dinheiro, em género ou são mistas, isto é, para além do dinheiro, os foreiros também têm de entregar anualmente uma parte da colheita, ou animais de capoeira ou outros produtos.

Entre 1210 e 1250 assiste-se a uma aumento dos prazos em vidas, com o conseqüente e progressivo abandono dos prazos perpétuos, na região da Estremadura⁶⁷.

Tendo em conta que a documentação engloba instrumentos que incluem a Igreja de São Julião de Frielas e outros que só contêm intervenientes particulares, far-se-á a distinção dos foros pagos a cada um.

⁶⁶ *Nova História de Portugal, Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV* Vol. IV, Lisboa, 1987, Introdução.

⁶⁷ MATTOSO, José, *Identificação de um País*, Vol. II, p. 28.

Os foros pagos à Igreja de São Julião de Frielas são, na sua totalidade, em dinheiro⁶⁸, e em dinheiro e em género⁶⁹, sendo o número de ocorrências igual para ambas as situações. As quantias vão desde as três Libras de Portugal e dois frangos bons às cinquenta Libras.

QUADRO 2 – FOROS PAGOS À IGREJA DE SÃO JULIÃO DE FRIELAS

Ano	Foro
1341	16 Libras
1350	40 soldos e um frangão
1350	20 soldos
1353	8 Libras
1372	25,5 Libras
1379	3 Libras e 1 frangão
1399	5 Libras e 1/2 dos frutos

Na documentação particular e nas Chancelarias, em regra, as prestações são pagas em género. Os tipos de produtos variam, pois há referência a pão, sempre moído, a cevada, a frangos, capões e ovos. Os foros prestados em relação à colheita obrigam à cedência de um quarto, sem indicar o produto, a metade das uvas vindimadas e ainda, a possibilidade do aforador de fazer vinho na adega do foreiro⁷⁰.

⁶⁸ DGARQ/ANTT, *CSJF*, Maço 1, N° 63, N° 17, N° 64; e N° 37.

⁶⁹ *Idem, Ibidem*, Maço 2, N° 8, Maço 1, N° 54 e N° 49.

⁷⁰ *Idem, Chancelaria D. Dinis* – Comuns Livro 3 Fl. 12v; Chancelaria D. Afonso IV, Doc. 93; *CSJF*, Maço 1, N° 85, N° 12 e N° 59, Maço 2, N° 4.

QUADRO 3 – FOROS PAGOS A PARTICULARES

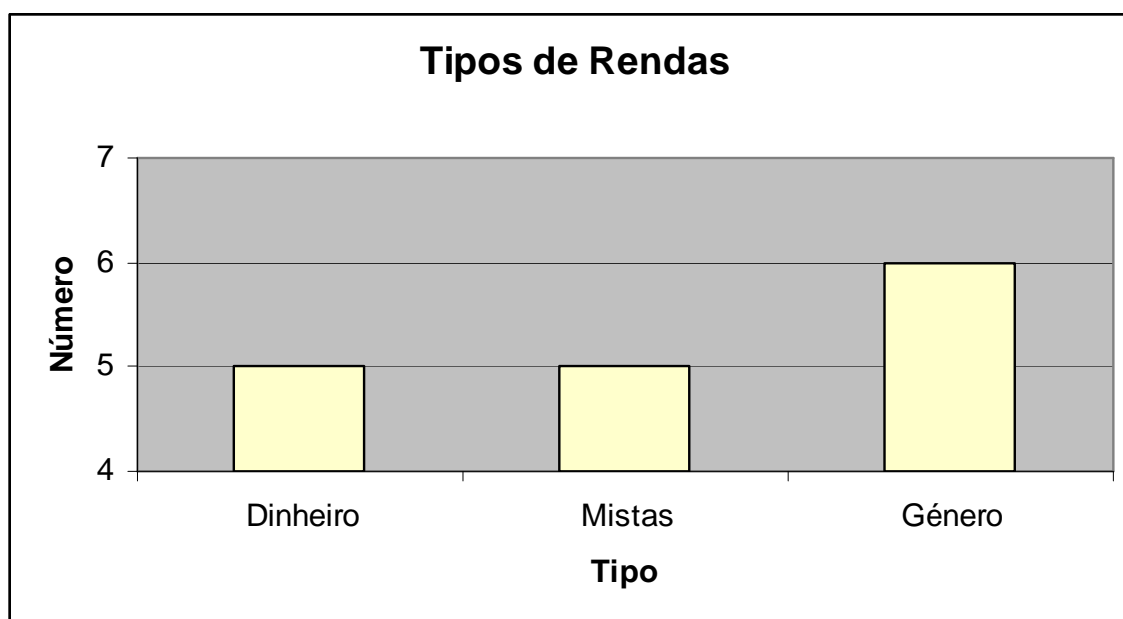
Ano	Foro
1300	15 moios de pão
1338	1/4 da colheita
1339	11,5 moios de pão
1354	2 alqueires de cevada
1364	12 Libras, 2 capões, 2 dúzias de ovos e 1 alqueire de azeite
1364	2 capões, 2 dúzias de ovos e fazer vinho
1371	50 Libras
1374	2 frangões, 2 dúzias de ovos e 1/2 uvas

As prestações mistas, também variam no género de produto. Para além da prestação monetária, surgem frangos, ovos, azeite, pão moído e metade da colheita ou frutos⁷¹.

Em suma, o conjunto das indicações que há para as rendas impostas em toda a documentação, eram pagas da forma que segue:

⁷¹ *Idem, Ibidem*, Maço 1, N° 67 e N° 87.

GRÁFICO 6 – TIPOS DE RENDAS



6.9. COMPRAS E VENDAS

Quanto aos documentos de particulares e das Chancelarias Régias, as transacções de compra e vendas dizem respeito a bens de tipos diferentes. São dificilmente comparáveis em termos de preços porque não há informações sobre as medidas das propriedades e das casas.

Optou-se por dividir o século XIV em períodos de 25 anos e por valor da transacção, para tentar aferir se existem tendências dominantes ou que reflectam as conjunturas políticas, sociais e económicas em Portugal durante esse período.

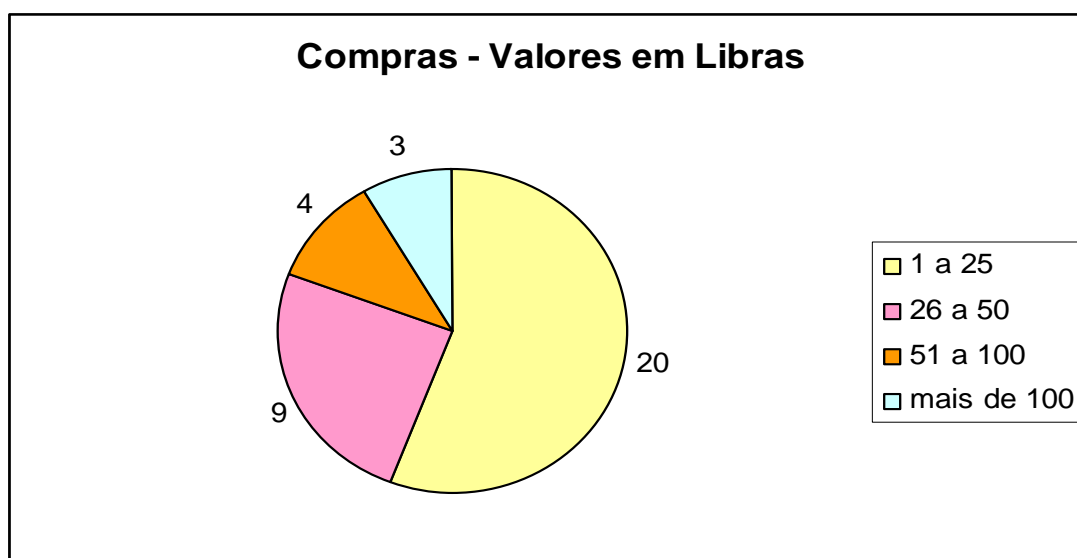
Da análise dos documentos emanados pelas Chancelarias Régias, conclui-se que as transacções foram feitas na primeira metade do século XIV, de 1309 a 1339, atravessando os reinados de D. Dinis e de D. Afonso IV. Nestas transacções, D. Dinis e

D. Afonso IV demonstram claramente uma estratégia compradora. O primeiro adquire um lagar, um figueiral e quatro casas⁷²; o segundo compra adegas com suas cubas e tinas⁷³.

Os valores das compras vão desde as 25 às 175 Libras, sendo as casas as que foram compradas pelo preço mais alto e o lagar pelo preço mais baixo.

A documentação em que os intervenientes são exclusivamente particulares, posicionam-se sobretudo no intervalo entre 1 e 25 Libras. Existem 18 compras com valores iguais ou inferiores a 25 Libras, 7 com valores entre as 26 e as 50 Libras, 3 entre as 51 e as 100 Libras e uma compra de 100 maravedis.

GRÁFICO 7 – COMPRAS, VALORES EM LIBRAS

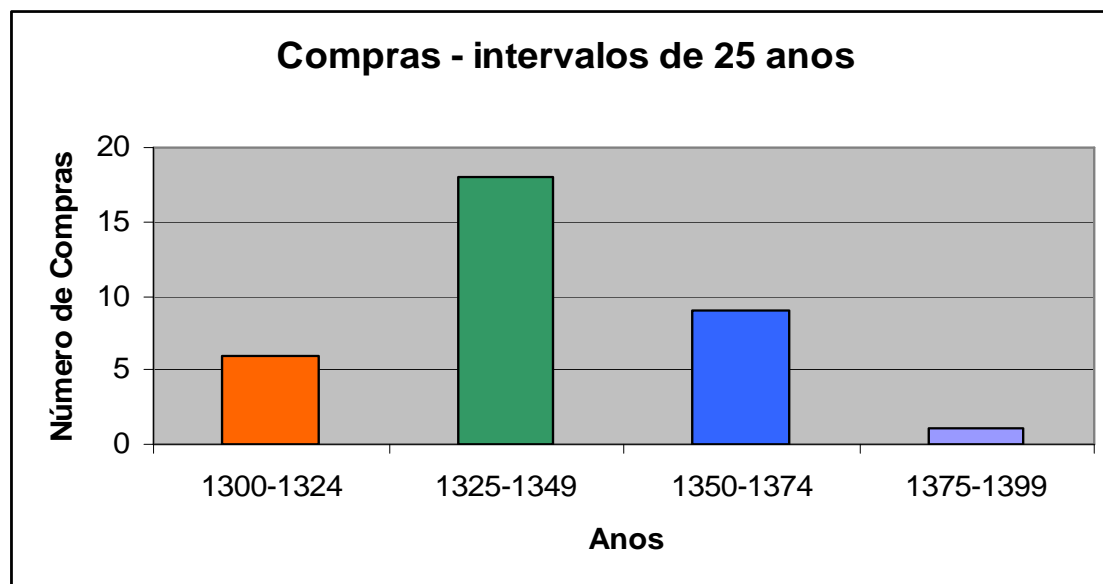


⁷² Idem, *Chancelaria de D. Dinis*, Livro 2, Direitos Reais, Fl. 83v; Fl. 200 e 200v e Fl. 116v; Idem, *Ibidem*, Livro de Reis, Fl. 41v.

⁷³ *Chancelarias Portuguesas, D. Afonso IV*, Doc. 43 e Doc. 144.

Os valores mais baixos, situam-se no segundo e terceiro quartéis do século XIV. São 5 Libras referentes a uma vinha e canaveira, 6 Libras por uma casa e 6,5 Libras referentes a uma courela de vinha, casas e oliveiras⁷⁴.

GRÁFICO 8 – COMPRAS, INTERVALOS DE 25 ANOS



Os valores mais altos dizem respeito a bens que não se situam em Frielas ou no seu termo. Localizam-se em Caneças, Loures e Ribamar (Pedrouços), e as compras foram feitas por 100, 55 e 60 Libras, respectivamente⁷⁵.

Em Frielas, as transacções com os preços mais altos fizeram-se através da compra de uma vinha, por 45 Libras, seguidas de casas, currais e vinhas, um olival e uma courela de vinha e dos direitos de uma marinha por 40 Libras⁷⁶.

As leis de D. Afonso III consagram a mudança do sistema monetário português, cujo padrão era anteriormente o Maravedi de ouro de inspiração muçulmana, para o da Libra, inspirado no resto da Europa. Esta medida permitiu uma melhor integração na economia

⁷⁴ Idem, *CSJF*, Maço 1, N° 14, N° 22 e N° 75.

⁷⁵ Idem, *Ibidem*, Maço 1, N° 11, N° 80 e N° 86.

⁷⁶ Idem, *Ibidem*, Maço 1, N° 9, N° 15, N° 69 e Maço 2, N° 69.

européia além Pirinéus, e facilitou a articulação entre grandes e pequenas transacções, pois estas eram realizadas em soldos e em dinheiros, que constituíam a base da economia corrente⁷⁷.

As unidades monetárias referidas nos documentos são, por ordem de maior utilização: Libras de Portugal, maravedis, e soldos.

⁷⁷ MATTOSO, José, *Ibidem*, pp. 39 e 40.

7. A POSSE DA TERRA

Posteriormente ao século XI, a hierarquização social no mundo rural faz-se quase exclusivamente em função da riqueza, que se traduz pela capacidade de disposição de terras e de gado de determinado indivíduo ou família.

A hierarquia de poderes, e a permanência nessa condição, baseia-se em três componentes: a autoridade, aos níveis político e administrativo; o prestígio, exercido ao nível social; e a riqueza, que no século XIV e com tendência a crescer, era quantificável ao nível das rendas, tanto de base territorial, como de base senhorial⁷⁸.

Reconhece-se nos dados relativos aos intervenientes nos instrumentos e cartas da Colegiada de São Julião de Frielas que existem indivíduos e famílias que detêm a posse da terra.

Provavelmente, serão representantes da pequena nobreza, ou da cavalaria vilã. A proveniência destes homens poderá não ser a mesma, visto que alguns são habitantes do loge de Frielas que se destacaram de alguma forma e que adquiriram um estatuto mais elevado social e económico.

Dentro deste contexto sobressaem alguns nomes de homens que são compradores em alguns casos e vendedores noutra. Evidenciam um poderio económico superior aos demais, que se nota através das transacções em que estão envolvidos, e da capacidade de se tornarem alvo de orações para a salvação das suas almas, instituindo capelas na Igreja de São Julião de Frielas e pagando aniversários anuais após a sua morte.

⁷⁸ CORTAZAR, Jose Angel Garcia de, *Ibidem*, pp. 139-141.

Os compradores que mais vezes são referenciados nos contratos de compra e venda são Francisco Anes Vilão e Bírzida Domingues, sua mulher. Este casal é mencionado pela primeira vez como numa transacção em 1324 em que o pai de Francisco Eanes, João Vilão, lhe vende os direitos de uma marinha com seus muros e viveiros⁷⁹.

Seguidamente, o casal escamba, umas courelas de vinha por um figueiredo em 1332⁸⁰. Até 1334, compram oliveiras, vinhas, uma figueira e uma pequena almuinha e respectivo direito de água; compram ainda herdades e courelas de herdades, casas na Apelação, gastando no total das aquisições 58,5 Libras⁸¹.

Em 1344, é mencionado um Francisco Eanes, sem o qualitativo “vilão” e casado com outra mulher, Maria Bernaldes. Não se podendo afirmar que é a mesma pessoa, a estratégia compradora deste indivíduo é bastante semelhante ao seu homónimo na década anterior. Poderá ter enviuvado e casado em segundas núpcias.

De 1344 a 1348, Francisco Eanes e a sua mulher compram quatro courelas de herdade, duas courelas de vinha, uma vinha e uma figueira em Frielas e na Apelação. Para além destas propriedades, adquirem uma courela de vinha na Várzea de Loures, que se situa a alguma distância das restantes⁸².

Estas compras e escambo podem denunciar uma intenção de juntar propriedades retalhadas, controlar o acesso à água e abarcar vários os tipos de culturas, com o objectivo de construir uma grande propriedade.

Outro indivíduo que merece destaque é João da Gaia. Umás vezes é acompanhado pela sua mulher Sancha Martins na celebração dos contratos de compra e venda. Outras, está sozinho, e outras, ainda, faz-se representar.

⁷⁹ DGARQ/ANTT, *CSJF*, Maço 2, N° 10.

⁸⁰ *Idem, Ibidem*, Maço 1, N° 18.

⁸¹ *Idem, Ibidem*, Maço 1, N° 6, N° 19, N° 32, N° 71 e N° 75.

⁸² *Idem, Ibidem*, Maço 1, N° 8, N° 9, N° 17, N° 33 e N° 86; Maço 2, N° 40.

A sua mulher, Sancha Martins, residia em Caneças e pertencia a uma família que era apelidada de “Alão”, o que está patente em todos os membros da família, quando são referenciados nos documentos. Os seus pais são Martim Soares Alão e a Tareiga Martins. O irmão é João Martins Alão e a sua mulher Constança Francisca.

João da Gaia é interveniente na maioria das vezes como comprador⁸³. Mas também é foreiro⁸⁴, em algumas ocasiões.

As compras de bens de João da Gaia encontram-se discriminadas no quadro que se segue.

QUADRO 4 – COMPRAS DE JOÃO DA GAIA

Ano	Bem	Localização
1345	1 canavieira com 1 vinha	Caminho de Sacavém
1351	40 talhos de uma marinha	Poço das Donas, Frielas
1353	1/3 de uma casas	Freguesia de Santo Estêvão em Lisboa
1355	1 parte da Courela do Moderno	[Frielas]
1357	foro de 2 casas com um chouço	Marnotas
1370	1/3 olival e 1 vinha	Frielas
1371	1Vinha e 1 canavieira	
1374	1 olival	Lezíria das Marnotas
	1 courela de Vinha Mourisca	Ribeira do Fernandinho [Frielas]
1374	3 courelas de herdade	

⁸³ Idem, *Ibidem*, Maço 1, N° 14, N° 21, N° 22, N° 65, N° 69, N° 72, N° 77, N° 80, N° 81e N° 83: Maço 2, N°20.

⁸⁴ Idem, *Ibidem*, Maço 1, N° 4, N° 12, N° 66 e N° 67.

Enquanto foreiros, João da Gaia e Sancha Martins Alã, aforam os seguintes bens:

QUADRO 5 – AFORAMENTOS DE JOÃO DA GAIA E SANCHA MARTINS

Ano	Bem	Localização
1354	3 courelas de herdade	Caneças
1360	2 vinhas	Olival das Marnotas
1364	1 vinha	Lezíria da Marnota
1374	1 vinha	[Frielas]

Em 1378, João da Gaia e Sancha Martins já tinham falecido, visto que se apresenta o Clérigo Gonçalo Anes como testamenteiro de ambos, que arremata 1/9 das vinhas de João da Gaia a Lopo Afonso⁸⁵.

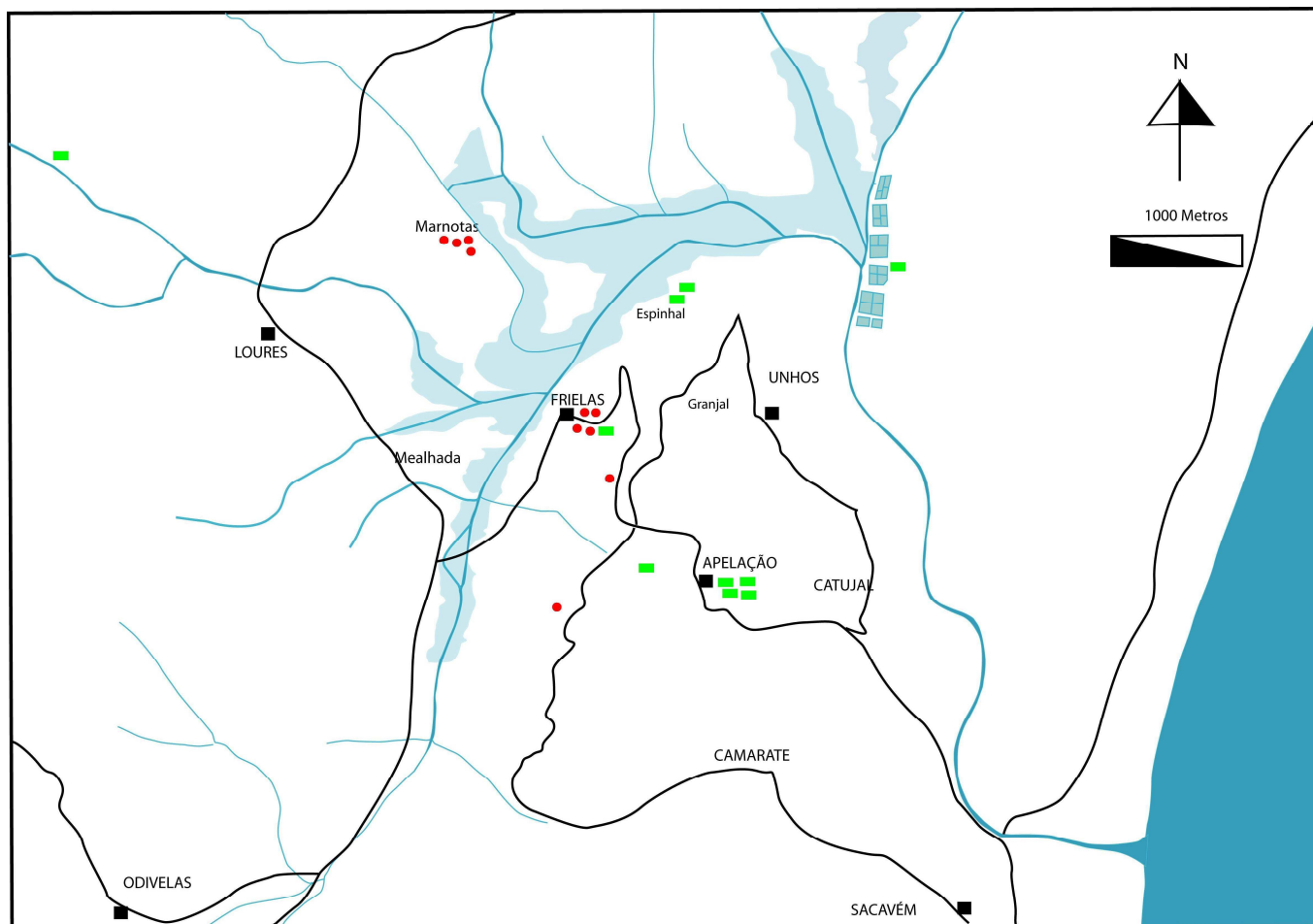
Os bens do casal, de acordo com a informação que é possível retirar deste documento, tinham sido doados à Colegiada de São Julião de Frielas, que os passou a administrar.

Houve outros vendedores e compradores, que foram uma ou duas vezes intervenientes em instrumentos de compra e venda e que poderão ser identificados nos quadros de registo de dados que se encontram no Apêndice.



O Mapa que se segue identifica os locais onde João da Gaia e Francisco Eanes possuíam as propriedades mencionadas nos documentos da Colegiada e das Chancelarias, demonstrado que as propriedades do primeiro se situavam fora do Reguengo, do outro lado da Lezíria, e as do segundo encontravam-se em Frielas e na zona Este do seu Termo.

⁸⁵ Idem, *Ibidem*, Maço 1, 43.

Mapa 4 - Localização dos Bens de João da Gaia e Francisco Eanes



LEGENDA

	Propriedades de Francisco Eanes		Propriedades de João da Gaia
---	---------------------------------	---	------------------------------

8. Antroponímia

O estudo da antroponímica dos indivíduos que são mencionados nos documentos compulsados permite uma análise algo limitada, mas com interesse histórico, com vista a um melhor conhecimento da população de Frielas e do seu termo, no século XIV.

Esta análise não permite generalizações, mas é uma amostra significativa de uma boa parte da população.

Até ao século XV, em Portugal, os antropónimos medievais compreendiam um nome próprio, fixo, a que se juntava um sobrenome, quase sempre em forma de patronímico, e muitas vezes, um indicativo de proveniência ou domicílio e da actividade profissional, e/ou uma alcunha⁸⁶. Para além do nome próprio e dos patronímicos, estes nomes serviam de elementos diferenciadores que muitas vezes, pelo uso repetido, se tornavam eles próprios em sobrenomes nas gerações seguintes.

A utilização do nome próprio, única e exclusivamente, era reservada às crianças. A outra situação em tal se verificava, era quando se tratava de um título honorífico ou eclesiástico, como por exemplo Dom ou Dona, ou Frei.

Para o presente estudo utilizaram-se os nomes dos intervenientes⁸⁷ activos e dos que constam na identificação das confrontações, nos vários instrumentos que compunham a Colegiada de S. Julião de Frielas e daqueles que foram retirados das Chancelarias Régias. Optou-se por esta selecção por ser a mais representativa dos moradores do logo de Frielas e seu termo.

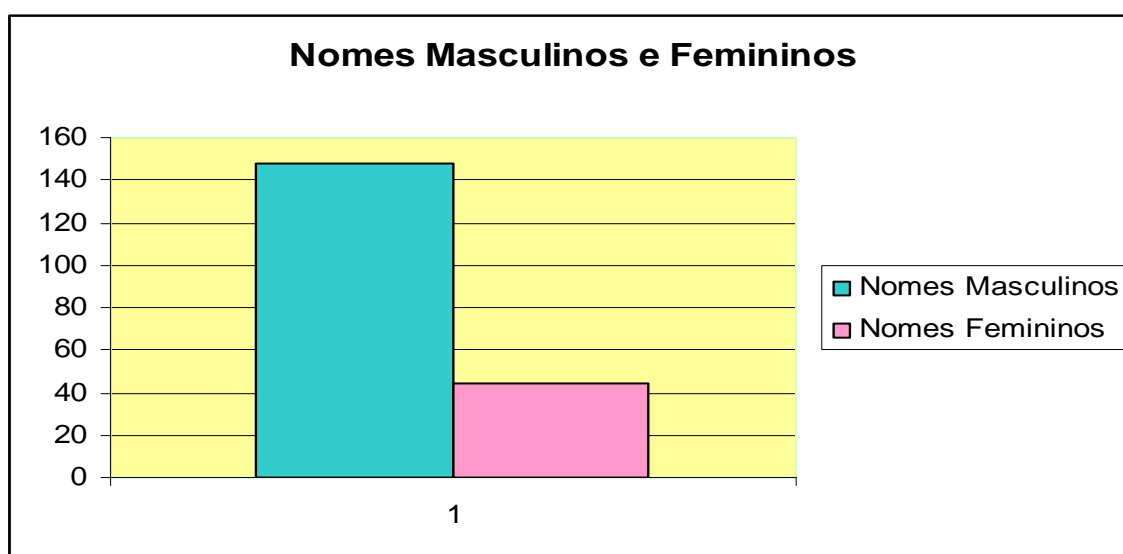
⁸⁶ GONÇALVES, Iria, *Amostra de antroponímia alentejana do século XV*, p. 175.

⁸⁷ Listaram-se os nomes dos compradores, vendedores, aforadores e foreiros, doadores, réus, instituidores de aniversários e capelas, para além dos priores e beneficiados da Colegiada de S. Julião de Frielas.

Foi possível identificar os proprietários rurais e urbanos mais importantes da pequena nobreza que ali residia, dos detentores dos cargos representativos do Concelho e Reguengo, os membros da Colegiada de São Julião de Frielas, os foreiros das propriedades que constituem o domínio da Colegiada e do Reguengo.

Foram identificados 192 indivíduos no total, sendo que 148 são do sexo masculino e 44 são do sexo feminino.

GRÁFICO 9 – NOMES MASCULINOS E FEMININOS

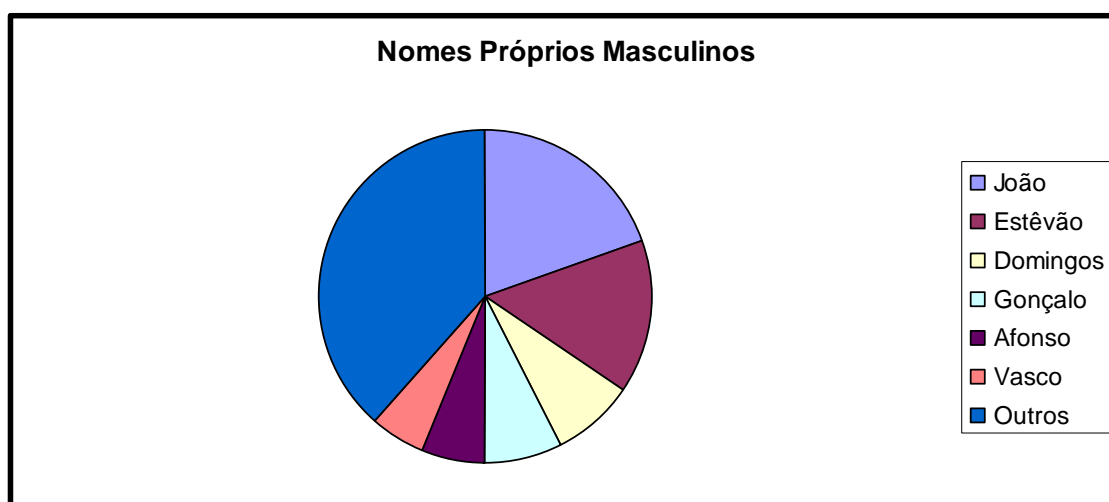


Os nomes próprios masculinos mais utilizados são: João, Estêvão, Domingos, Gonçalo e Afonso.

QUADRO 6 – NOMES MASCULINOS

Nomes Masculinos	Nº de referências
João	29
Estêvão	22
Domingos	12
Gonçalo	11
Afonso	9
Vasco	8
Outros	57

GRÁFICO 10 – NOMES PRÓPRIOS MASCULINOS

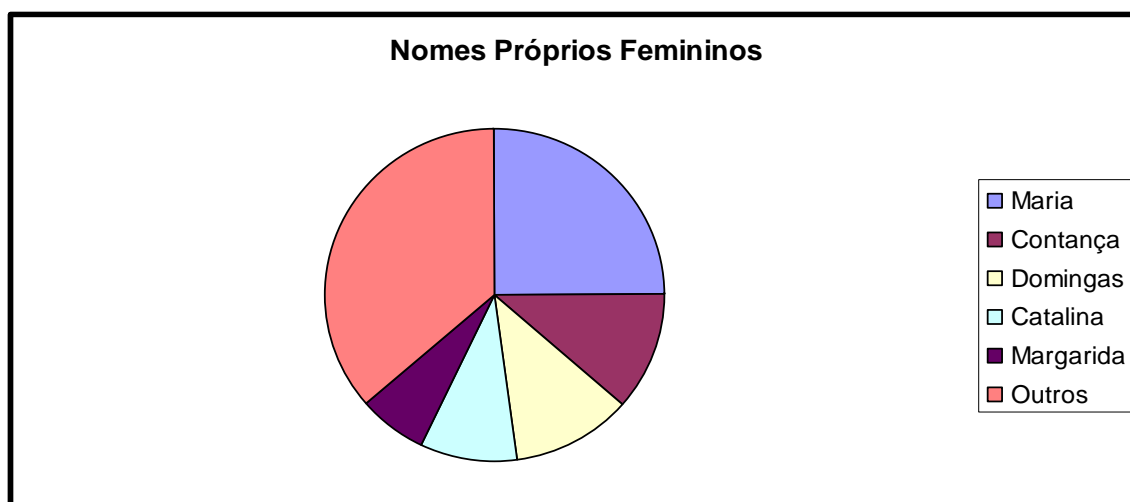


Quanto aos nomes próprios femininos, Maria ocupa o primeiro lugar; seguem-se Constança, Domingas e Catalina.

QUADRO 7 – NOMES FEMININOS

Nomes Femininos	Nº de referências
Maria	11
Constança	5
Domingas	5
Catalina	4
Margarida	3
Outros	16

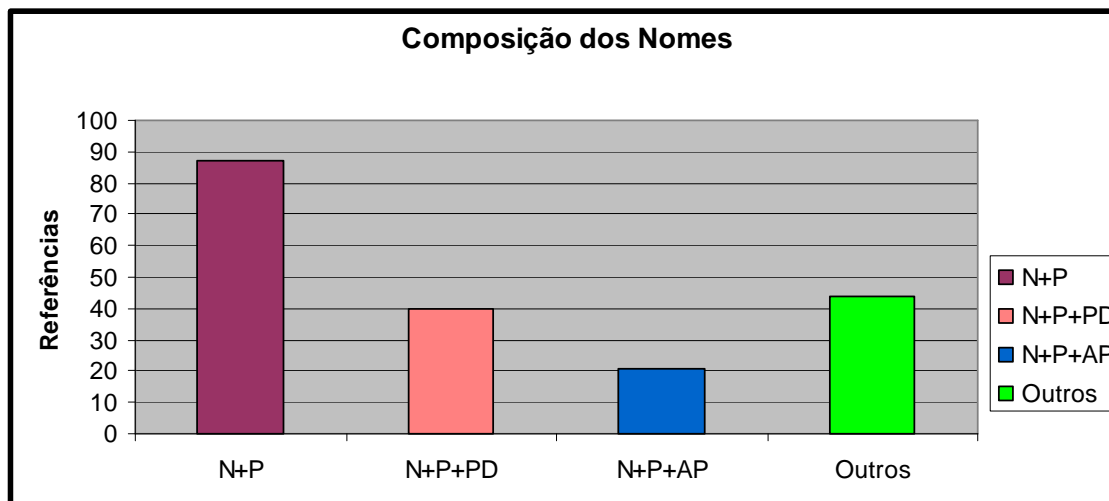
GRÁFICO 11 – NOMES PRÓPRIOS FEMININOS



A composição dos nomes retirados da documentação é elucidativa da prática medieval comum do século XIV. Dos 192 indivíduos estudados, o nome com um patronímico ocorre 87 vezes (N+P). A composição de nome, patronímico e local de proveniência ou

domicílio tem 40 ocorrências (N+P+PD), logo seguido pela composição de nome, patronímico e actividade profissional (N+P+AP), com 21 ocorrências.

GRÁFICO 12 – COMPOSIÇÃO DOS NOMES



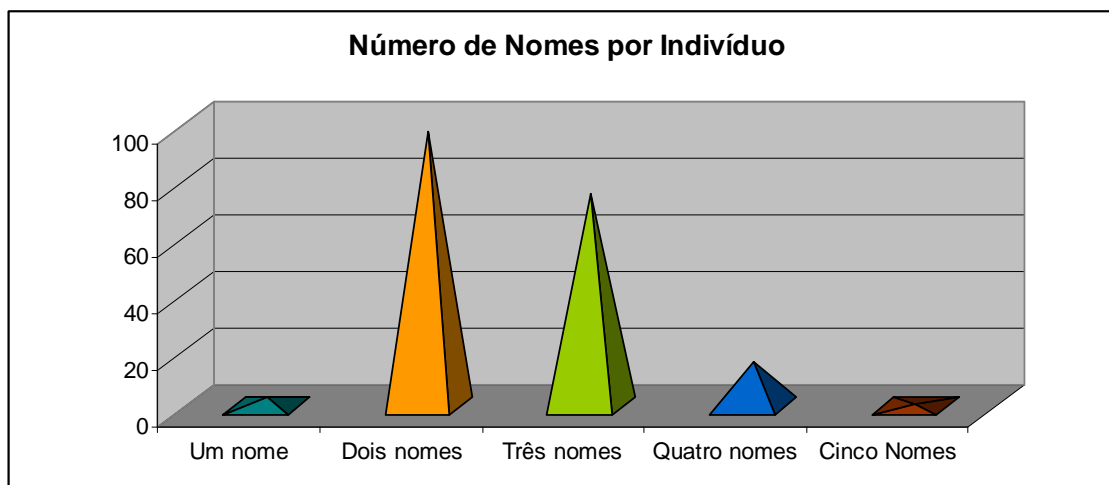
Sendo uma composição de nomes simples, em que predomina o nome próprio e o patronímico, que deriva do nome próprio paterno, podia causar alguma confusão quando se pretendia identificar e individualizar uma pessoa. Os nomes repetidos eram, assim, frequentes e por isso tornava-se necessário juntar-lhes elementos diferenciadores, como a proveniência ou local de domicílio, a actividade profissional a que se dedicavam, uma alcunha que os qualificava quase sempre negativamente⁸⁸, o estatuto social e outros.

No entanto, e a partir da leitura do gráfico que se segue, é evidente que os homens e mulheres de Frielas e seu termo mantinham a utilização preferencial de dois nomes. Num total de 192 nomes, 97 são compostos por dois nomes; existem 75 indivíduos/as com três nomes; são 16 os casos em que existe a composição de quatro nomes; três

⁸⁸ Barrigudo, bocarro, bugalhinho, calvo, capucha, copeira, e pilado.

incidências de indivíduos com um nome e um caso apenas de uma composição de cinco nomes.

GRÁFICO 13 – NÚMERO DE NOMES POR INDIVÍDUO



Os parentescos ou relações familiares também surgem como elementos diferenciadores. Em cerca de 40% dos casos aparecem laços de parentesco, que identificam claramente o indivíduo. O mais utilizado é o que liga um homem à sua mulher, visto que em quase todos os contratos de compra e venda ou de aforamento o casal é o interveniente.

Quando é uma mulher, esta é, em regra identificada como viúva ou filha de alguém, não sendo muito comum que a mulher, por si só, pudesse ter valor juridicamente. O mesmo se passava com os menores, que eram conhecidos somente pelo nome próprio, mas sempre ligados ao nome dos pais.

Existem casos em que há um sobrenome que não se enquadra nas situações descritas. Exemplo disso é o caso de João da Gaia, que por ser um nome de alguém que não tem essa denominação desde o nascimento, não seguiu as regras comuns. É um judeu, que adoptou um nome cristão.

Quase todas as referências ao local de domicílio se cingem a Frielas e seu termo⁸⁹. Quanto à proveniência, existe um caso facilmente identificável de alguém que vem de longe, Domingos Anes de Elvas⁹⁰. Fazia-se, assim, distinção, quando havia um habitante que provinha de zonas geograficamente distantes.

O estatuto social é mais um elemento diferenciador que aparece em 13 nomes, não só para a simples identificação mas também para marcar a importância que aquele indivíduo assumia na hierarquia nobiliárquica e no local de residência. É um elemento que acompanha sempre o nome dos seus detentores⁹¹.

⁸⁹ O domicílio da maior parte dos indivíduos é Frielas, mas também há referências a Sacavém, Vale Figueira, Póvoa [Santo Adrião], Marnotas, Lisboa, Caneças, Unhos e Cheleiros.

⁹⁰ DGARQ, *Ibidem*, Maço 2, N° 28.

⁹¹ Cavaleiro, vilão, escudeiro e couteiro das perdizes.

9. IDENTIFICAÇÃO CARTOGRÁFICA

Identificar e posteriormente cartografar a localização dos bens que se encontram referidos nos documentos analisados também não é tarefa fácil.

Enquanto alguns topónimos são acompanhados de indicações que lhes conferem alguma particularidade, a maior parte deles só refere que determinado bem está em Frielas, ou no seu termo.

Os documentos escritos, mesmo no período medievo tardio, não continham habitualmente referências geográficas que os distinguissem de outros locais. Felizmente, para quem investiga determinada área do Centro ou do Sul do país, a herança cultural moçárabe é um legado precioso para uma melhor orientação no espaço.

Assim, na documentação do século XIV já existe uma identificação do espaço através da orientação em relação aos pontos cardeais. Existem alguns exemplos, ainda que poucos, nas confrontações dos bens e propriedades que são alvo de transacção ou aforamento⁹². Já existe, assim, a distribuição das propriedades confinantes a Oriente, Ocidente, Avrego e Aguiam⁹³.

No entanto, a orientação no espaço ainda é rara na documentação em apreço, o que torna muito complexa a cartografia dos topónimos identificados.

Não obstante, esse exercício prático foi feito, mesmo correndo o risco que concentrar em demasia as propriedades dentro do loge de Frielas, por ausência de demais informação.

⁹² *Chanc. D. Dinis* – Livro 2 Direitos Reais, Fl. 200 e 200v, Fl. 116v, Livro de Reis, Fl. 41v Fl. 41v; *Chancelarias Portuguesas – D. Afonso IV*, Organização de A. H. Oliveira Marques, Vol.II (1336-1340), Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1992, Doc. 93.

⁹³ Sul e Norte respectivamente.

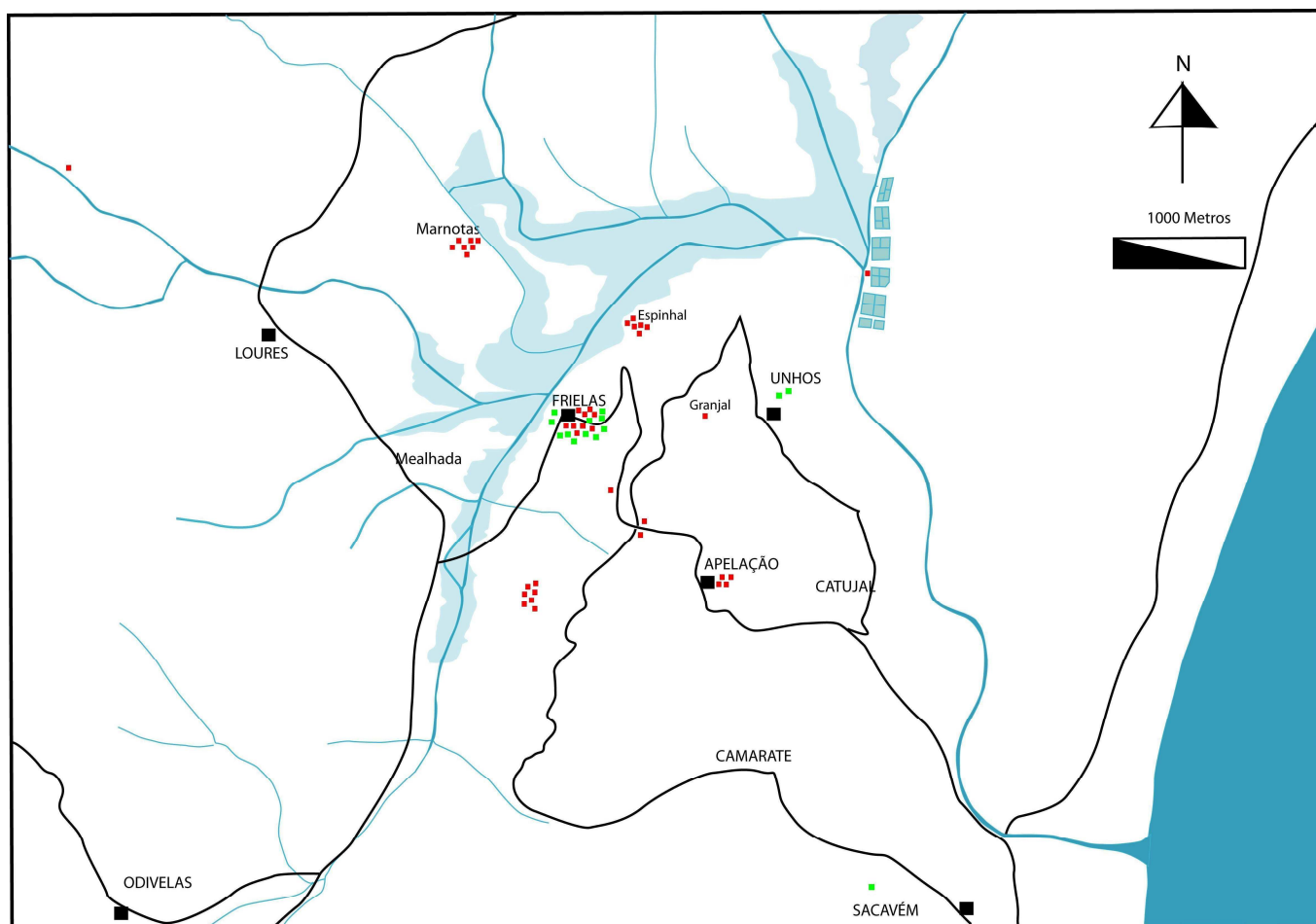
Para facilitar identificação dos locais, visto que alguns topónimos caíram em desuso, recorreu-se ao Sr. Álvaro Soares da Cunha, Presidente da Junta de Freguesia de Frielas, que prontamente identificou e reconheceu quase todos os locais.

Utilizaram-se as Cartas Militares Nº 417, de 1936 e 1993. A primeira por ser a edição mais antiga da cobertura aérea desta zona, o que proporcionou uma visão um pouco mais aproximada da época em estudo, por ainda não terem sido construídas e implantadas as infra-estruturas actuais e ser anterior, igualmente, à transformação urbana que se deu nas décadas de 60 e 70 do século XX. A segunda, apesar da sua actualidade, permite identificar mais locais, por ser muito rica em topónimos.



Procurou-se, desta forma, apresentar um mapa com a identificação dos locais, que se pode observar nas páginas seguintes.

.

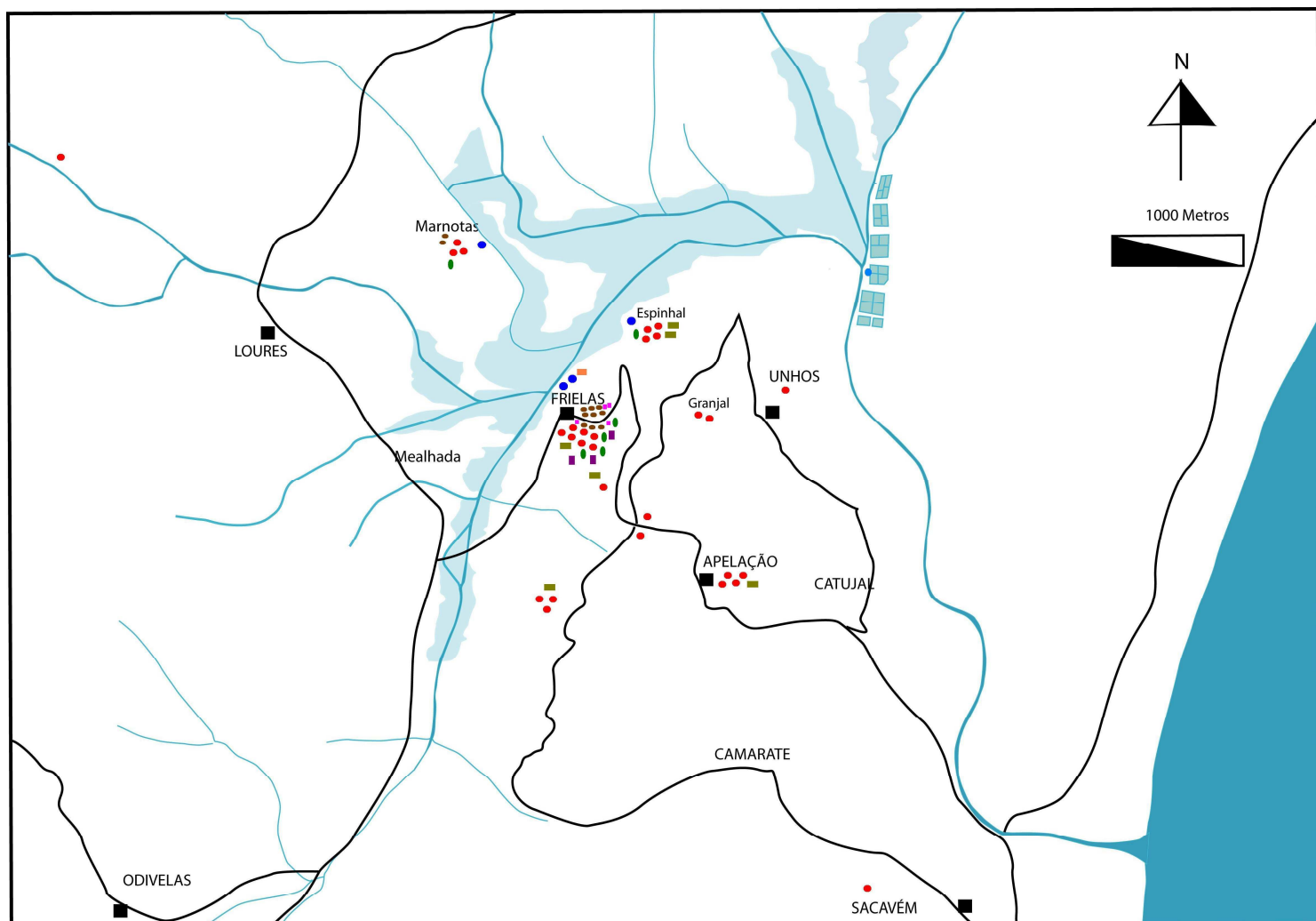
MAPA 5 – LOCALIZAÇÃO DOS BENS




Legenda

	Propriedades do Fundo Documental da Colegiada de São Julião de Frielas.
	Propriedades das Chancelarias de D. Dinis e de D. Afonso IV

MAPA 6 – LOCALIZAÇÃO DOS TIPOS DE BENS



Legenda

 Vinhas	 Courelas de herdade	 Adegas e Lagares
 Casas	 Olival	 Azenha
 Marinhas	 Figueiredos	

9.1. TOPÓNIMOS

Os topónimos referidos nos documentos⁹⁴ em que a Colegiada de S. Julião de Frielas é o primeiro interveniente são: Marnotas, Termo de Frielas, Lezíria, Lameiros, Frielas, Ginjal (Frielas), Ulivais, Oar das Sarnhas (Frielas), Monte Agudo, Unhos, Castel Picão, A do Bocarro de Figueiredo e Outeiro das Matas.

Na documentação particular: Caneças, Espinhal, Covões, Olival do Mogo, Apelação, Várzea, Casaes, Olival da Marnota, caminho de Sacavém, Figueirais, Frielas, Marnota(s), Judia, termo de Lisboa, Herdade do Oussenda, Oliveiras da Azenha no termo de Frielas, Várzea de Loures, Ribeira do Fernandinho, freguesia de Santo Estevão em Lisboa, Moderno, Poços da Donas no termo de Frielas, Eira Velha, Portela e Parte Barreiro, Casal de Alcobaça na Paradela, Monte Agudo, Frielas, Espinhal, Figueiredo, Alvogas e Apelação.

Como seria de prever, a grande maioria dos bens, urbanos e rurais, que são mencionados na documentação situam-se em Frielas e no seu termo.

⁹⁴ Optou-se por manter o grafismo original.

CONCLUSÃO

O trabalho atrás apresentado traduz-se na tentativa de recriar a ocupação do espaço em Frielas e o domínio da Colegiada de São Julião de Frielas no mesmo período.

Da análise documental realizada foi possível identificar os locais onde os bens da Colegiada se localizavam, maioritariamente em Frielas e no seu termo; qual a cultura dominante nas propriedades que detinha, a vinha; e quais os indivíduos que mais enriqueceram o domínio da Colegiada, Francisco Eanes Vilão e João da Gaia, instituindo capelas e doando-lhe, senão todos, grande parte dos seus bens.

A exploração de sal é muito importante, para além da vinha, na aquisição de riqueza por parte da Colegiada. É um bem com grande valor comercial e um dos produtos mais cobiçados nas exportações para a Europa do Norte, por ser de grande qualidade e de preço acessível.

A localização geográfica de Frielas é preponderante para a existência de explorações agrícolas e de salinicultura de grande qualidade, pela riqueza dos seus solos e pela grande lezíria, inundada por um braço de rio que tinha origem no que geralmente se chama estuário do Tejo, e que na maré alta trazia água salgada. As condições eram, desta forma, muito favoráveis para o escoamento dos produtos, quer para alimentar a grande capital Lisboa, como possivelmente para as trocas comerciais externas.

Tendo como base a leitura de estudos sobre Frielas Medieval e a consulta das Chancelarias Régias foi possível completar e enriquecer a pesquisa.

A existência de um Paço Real, pelo menos desde o período de D. Afonso III, mas dinamizado com mais intensidade por D. Dinis, a par do seu reguengo, constituem

certamente um motor de desenvolvimento para Frielas. Tanto D. Dinis, como os reis que se seguiram, investiram em meios de produção e em propriedades, que compraram em Frielas. A doação das rendas do Reguengo ao Almirante Manuel Pessanha, com o valor de 3.000 Libras anualmente, é inequivocamente um sinal da fertilidade das terras. O escambo posterior por propriedades noutra reguengo também é sintomático de que o rei voltou a chamar a si o recebimento das rendas do seu lucrativo reguengo.

Conclui-se, por outro lado, que a salvaguarda e a protecção de acervos documentais só é possível se os seus conteúdos forem dados a conhecer a uma comunidade mais alargada, tendo sido esta a tarefa mais complexa que já desenvolvi durante a minha vida académica. As péssimas condições em que alguns documentos se encontram dificultam enormemente a sua leitura, e conseqüentemente, a sua compreensão.

Obviamente que este tema não está esgotado. Muito mais há ainda a explorar, nomeadamente através de outros estudos mais específicos de reconstituição do espaço e de percepção do meio envolvente. Mas para isso é necessária a leitura integrada de toda a documentação do Fundo da Colegiada de São Julião de Frielas, que já foi levantada por mim, e que se estende até ao final do século XVI, comparando propriedades e foreiros para estabelecer ligações com o levantamento da presente dissertação.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

Fontes manuscritas

Direcção Geral de Arquivos – Arquivo Nacional da Torre de Tombo

Corporações Religiosas

- *Colegiada de S. Julião de Frielas*

Maço 1, nº 1-87

Maço 2, nº 1-37

Maço 3

Maço 4

- *São Vicente de Fora*

1ª Incorporação

Chanc. D. Afonso III – Próprios e Comuns A-Z - Livro 1 Fl. 35 – 35v

Chanc. D. Dinis – Comuns Livro 3 Fl. 6

Chanc. D. Dinis –Comuns Livro 3 Fl. 12v

Chanc. D. Dinis –Livro 2 Direitos Reais,

Chanc. D. Dinis –Livro de Reis, Fl. 41v

Chanc. D. Dinis –Livro 3

Chanc. D. Dinis – Livro de Extras, Liv. 2 de Místicos

Livro de D. Pedro

Chancelaria de D. Fernando, 1º

Memórias Paroquiais/Dicionário Geográfico de Portugal

Frielas – tomo 16, nº 94

Loures – Tomo 21, nº 142

Sacavém – Tomo 33, nº 11

Unhos – Tomo 41, nº 357

Fontes impressas

As Gavetas da Torre do Tombo, Centro de Estudos Ultramarinos, Lisboa, 1960.

Volumes: I, IX, X, XI, XII, XIV, XV e XIX.

Chancelarias Portuguesas – D. Afonso IV, Organização de A. H. Oliveira Marques, Vol. II (1336-1340), Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1992, Doc. 93.

Chancelarias Portuguesas – D. Afonso IV, Organização de A. H. Oliveira Marques, Vol. III (1340-1344), Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1992.

Chancelarias Portuguesas – D. Pedro I (1357-1367), Preparado por A. H. Oliveira Marques, Vol. III (1340-1344), Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1984.

Chancelarias Portuguesas, D. João I, Vol. I, Tomo 1, Centro de Estudos Históricos, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2004.

Descobrimientos Portugueses, Documentos para a sua História publicados e prefaciados por João Martins da Silva Marques, Vol. I (1147-1460), Edição do Instituto para a Alta Cultura, Lisboa, 1944.

Idem, *Ibidem*, Suplemento ao Vol. 1 (-,-), Lisboa, 1944.

Documentos Medievais (1179-1383), Arquivo Municipal de Lisboa, Coord. Inês Moraes Viegas e Miguel Gomes Martins, Câmara Municipal de Lisboa, Imprensa Municipal, [s. d.].

O Livro das Lezírias d' El Rei D. Dinis, Transcrição, Estudo Introdutório e Notas de Bernardo de Sá Nogueira, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003.

História Florestal, Aquícola e Cinegética Ministério da Agricultura e Pescas, Dir.-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal, , Dir. de C. M. L. Baeta Neves, Colectânea de documentos existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Chancelarias Reais, Volume I (1208-1483[38]), Volume II (1439-14819, Volume III (1481-1493), Volume IV (1495-1521), Lisboa, 1980.

Cartas e Mapas

Carta Militar de Portugal, Série M, Folha 417, 4ª Edição, Instituto Geográfico do Exército, 1993.

Carta Militar de Portugal, Série M, Folha 417, Instituto Geográfico do Exército, 1936.

Obras Gerais

BARROS, Henrique Gama, *História da Administração Pública em Portugal*, Séculos XII a XIV, Vols. I-VII, Sá da Costa, 1956.

CASTRO, Padre João Bautista de, *Mapa de Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, 1763.

Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular, Américo Costa, Vol. IV, 1934.

“Colegiadas”, *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Dir. de Carlos Moreira de Azevedo, A-C, Círculo dos Leitores, Rio de Mouro, 2000, pp. 399-403.

“Termo de Lisboa”, *Dicionário da História de Lisboa*, Dir. de Francisco Santana e Eduardo Lucena, Lisboa, 1994, pp. 902-904.

“Reguengos”, *Dicionário de História de Portugal*, Dir. Joel Serrão, Vol. II, Iniciativas Editoriais, 1985, pp. 563-564.

Guia de Portugal, Generalidades – Lisboa e arredores, 1º volume Biblioteca Nacional de Lisboa, 1924.

História de Portugal, Direcção de José Mattoso, Vol. 2 – A Monarquia Feudal (1096-1480), Ed. Estampa, 1997.

História da Expansão Portuguesa no Mundo, Ática, Lisboa, 1937.

LEAL, Pinho, *Portugal Antigo e Moderno, Dicionário de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande número de aldeias*, Vol. III, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa, 1874.

MACHADO, José Pedro, *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, Segundo Volume E-M, Editorial Confluência, Lisboa, [s. d.].

MATTOSO, José, *A Identificação de um país, Ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325, Volume I – Oposição*, Imprensa Universitária N° 45, Editorial Estampa, Lisboa, 1991.

- *A Identificação de um país, Ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325, Volume II – Composição*, Imprensa Universitária N° 46, Editorial Estampa, Lisboa, 1991.

Nova História de Portugal, Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV, Direcção de Joel Serrão e de A. H. Oliveira Marques, Vol. IV, Editorial Presença, 1ª Edição, Lisboa, 1987.

Estudos

ADRIÃO, Vitor Manuel, *Frielas (Memorial Histórico)*, Rancho Folclórico e Etnográfico

“Os Frieleiros, Frielas, Loures, 1996.

AZEVEDO, Pedro, *Os Reguengos da Estremadura na 1ª Dinastia*, Rev. Arqueólogo

Português, Miscelânea de Estudos em Honra de D. Carolina Michaelis de Vasconcelos,

Imprensa da Universidade, Coimbra, 1930.

ASSUNÇÃO, Ana Paula, *Frielas, Percurso Histórico*, Junta de Freguesia de Frielas, 1996.

BARBOSA, Pedro Gomes e VICENTE, António Balcão, “*Frielas Medieval*”, *O Medieval*

e o Moderno em Loures, Viagens pelo Património, Câmara Municipal de Loures,

Loures, 1999.

BARBOSA, Pedro Gomes, *Lisboa. O Tejo, a Terra e o Mar (e outros estudos)*,

Lisboa, 1995, p. 24.

-, *Povoamento e Estrutura Agrícola na Estremadura Central*, Instituto Nacional de

Investigação Científica, 1992.

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, *Carta Arqueológica do Município de Loures*,

2000.

- *Da Vida e da Morte – Os Romanos em Loures*, Arqueologia, 1998-9.

Câmara Municipal de Torres Vedras, *Turres Veteras I, Actas de História Medieval*, [s. d.].

COELHO, Maria Helena da Cruz, *Os Tabelaões em Portugal, perfil profissional e sócio-*

económico (Séculos XIV-XV), sep. de “História. Instituições. Documentos”, Publ. de

la Universidade de Sevilha, 1996.

- CORTAZAR, Jose Angel Garcia de, *História Rural Medieval*, Imprensa Universitária N° 30, Editorial Estampa, 1983.
- COSTA, P.^e Avelino de Jesus da, *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*, 3ª Edição, Faculdade de Letras da Faculdade de Coimbra, Coimbra, 1993.
- DIAS, Luís Fernando de Carvalho, *Forais Manuelinos, Estremadura*, Edição do autor, 1962.
- ESCOBAR, Ángel, *El palimpecesto grecolatino como fenómeno Librario y textual*, Zaragoza, 2006.
- FARELO, Mário Sérgio da Silva, *A Oligarquia Camarária de Lisboa (1325-1433)*, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008,
- GONÇALVES, Iria, “Amostra de Antroponímia Alentejana no Século XV”, *Do Tempo e da História* n°4, 1972, pp. 173-212.
- GUERRA, Amílcar, “O troço inicial da via Olisipo-Bracara e o problema da localização de Ierabriga”, comunicação apresentada na Mesa Redonda “De Olisipo a Ierabriga”, Vila Franca de Xira, 2008.
- LOPES, Fernão, *Crónica de D. Fernando*, Edição crítica, introdução e índices de Giuliano Macchi, 2ª Edição revista, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2004.
- HERMAN, Jacques, *Guia de História Universal*, Edições 70, Lisboa, 1981.
- MADEIRA, Silva, *Elementos Subsidiários para a História do Concelho de Loures*, 1940, p. 112.

- MANTAS, Vasco Gil, “A Rede Viária Romana e Medieval da Região de Torres Vedras”,
Turres Veteras I, Câmara Municipal de Torres Vedras, s. d., pp. 11-23.
- MARQUES, A. H., *Guia do Estudante de História Medieval Portuguesa*, 2ª Edição,
Editoria Estampa, Lisboa, 1979.
- MORENO, Humberto Baquero, *Os Municípios Portugueses nos Séculos XII a XVI*, Estudos
de História N° 22, Editorial Presença, Lisboa, 1986.
- OLIVEIRA, José Augusto da Cunha Freitas, *Organização do Espaço e Gestão de Riquezas
– Loures nos séculos XIV e XV*, Dissertação de Mestrado em História Medieval
apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de
Lisboa, Lisboa, 1997.
- PORTUGAL, Fernando e Matos, Alfredo, *Lisboa em 1758*, Coimbra Editora, Lisboa 1974.
- PINTO, Margarida Isabel da Silva, *O Mosteiro de Odivelas no século XIV. Património e
Gestão*, Dissertação de Mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de
Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2000.
- RAU, Virgínia, *Estudos de História Medieval*, Editorial Presença, Lisboa, 1985.
- RAU, Virgínia, “*Comércio e Exploração do Sal em França e Portugal*”, *Estudos sobre a
História do Sal Português*, Editorial Presença, Lisboa, 1984.
- RAU, Virgínia e ZBYSZEWSKI, Georges, *Estremadura e Ribatejo, Livret-Guide de l’
Excursion*, Congrès International de Geographie, Lisboa, 1949.
- RIBEIRO, Orlando, *Introduções Geográficas à História de Portugal*, Edições João Sá da
Costa, Lisboa, 2001.

RODRIGUES, Ana Maria S. A., *Espaços, Gente e Sociedade no Oeste: Estudos sobre Torres Vedras*, “A formação e exploração do domínio da Colegiada de S. Pedro de Torres Vedras”, “As Colegiadas de Torres Vedras nos séc. XIV e XV”, Estudos Patrimonia Historica, Cascais, 1996.

SILVA, Carlos Guardado da, *O Mosteiro de S. Vicente de Fora, A comunidade regrante e o património rural (séculos XII e XIII)*, Edições Colibri, Lisboa, 2002.

VV. AA., *Pelas Freguesias de Lisboa, o Termo de Lisboa*, Pelouro da Educação, Câmara Municipal de Lisboa, 1993, p.79

APÊNDICES

APÊNDICE 1

APÊNDICE 1 – CORPO DOCUMENTAL

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
1258.Agosto.20 Coimbra	Afforamento de Marinha que foi de João Pissalio	Frielas	¼ da colheita	Estevão Fernandes/Martino Egee – Almojarife e Escrivão			Domingos Peres	IAN/TT - Chanc. D. Afonso III – Próprios e Comuns A-Z - Livro 1 Fl. 35 – 35v
1293.Junho.25 Lisboa	Emprazamento dos herdamentos, vinhas e charnecas	Casal que foi de Domingos Alegre e de João Peres, o Pinto, na Caneira [Sintra]	Foro: 25 Libras	Prior Pedro Pais, Martim Peres, Pedro Domingues, João Migueis(?), João Anes, Raçoeiros		Prior Pedro Pais, Martim Peres, Pedro Domingues, João Migueis(?), João Anes, Raçoeiros	Rui Simões	Maço 1 N° 13
1298.Janeiro.22 Lisboa	Obrigação, sobre a factura de umas azenhas, com o prazo de um ano a partir de S. João Baptista	Reguengo de Frielas onde se junta a água que vem de Loures e Odivelas		Domingos de Gaia e sua mulher Maria Eanes		Pero Domingues, tab. De Lisboa, Affonso Paez raçoeiro de See de Lisboa, Pero Affonso, Gonçalo Fernandez ourives	Ru Simões – tab. De Lisboa	IAN/TT - Chanc. D. Dinis – Comuns Livro 3 Fl. 6
1300.Outubro.26	Doação ao Mosteiro de	Frielas	15 moios de pão meado	Domingos de Gaia e sua mulher Maria Eanes/			Domingues Joanes -	IAN/TT -

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
Santarém	Odivelas do foro que Domingos da Gaia devia pagar pelas azenhas			Mosteiro de São Dinis de Odivelas			escrivão	Chanc. D. Dinis – Comuns Livro 3 Fl. 12v
1305.Fevereiro. 19	Desdobramento de instrumento em 2 – de moios	Ribeira da Alampa [Sintra]		Domingos da Gaia filhou 1 no herdamento de Domingos Peres e o outro no herdamento de João Botelho e de Arguel Abril, seu genro		João Soares da Atouguia, carpinteiro/João da Penha(?)/Lourenço Gonçalves do Barreiro	João Fernandes	Maço 1 Nº 2
1309.Fevereiro. 18 Lisboa	Compra de um Figueiral	Frielas	60 Libras	Rui Pires que o comprou a João Domingues, lagareiro e de seu sogro	Oriente: figueiredo que foi de Pero do Asno/Ocidente e Aguiom, rei/Aurego, carreira.	João Gonçalves tabelião, Fernão Joanes escrivão do rei, Gonçalo Domingues filho de Domingos Jacome, Martim Fernandes escrivão	Afonso Perez – tab. de Lisboa	IAN/TT - Chanc. D. Dinis – Livro 2 Direitos Reais, Fl. 83v
1309.Março.25 Lisboa	Carta de venda do herdamento de Estevão Soares: casas, curraes, pomares, hortas, vinhas, fontes, montes, águas, matos	Caneças	100 Libras de Portugal	Maria Soares, filha de Soeiro Pais Alão e Enego Gomes, testamenteiros de Estevão Soares, seu irmão/Aires Soares, irmão de Maria Soares		Fernão Eanes, Pero Serrão, priol de Alpedriz, João Fernandes Martins e Gil Gonçalo – homens do Comendador Maestro Mor	Domingos Martins Estevão, jurado por mandado de Lourenço Anes, tabelião de Lisboa	M1 D11
1309.Julho.06 Frielas	Compra de um lagar de azeite	Frielas	25 Libras	Vicente Domingues dicto Zagallo e sua mulher Domingas Joanes, que foi	Sol, levante, poente e aguyom,,rei/	João Aleymam, João Martins carpinteiro e João Vicente	João Queveo – público tabelião de	IAN/TT - Chanc.

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
				de seu pai e lagareiro.	aurego/Estevão Domingues		Sacaem e de Frielas	D. Dinis – Livro 2 Direitos Reais, Fl. 200 e 200v
1310.Junho.28 Lisboa	Compra de três casas	Frielas	161 Libras	João Martins Vilão e sua mulher Constança Francisca e Estevão Domingues filho do Gaio e sua mulher Sancha Martins moradores de Frielas	Levante, do rei, Aguiom e Poente, torre, Aurego casas da igreja.	Bartolomeu Domingues almoxarife, Domingos Eanes escrivão, Henrique Peres escrivão, Estevão Martins homem do rei	Rui Martins – tab. de Lisboa	IAN/TT - Chanc. D. Dinis – Livro 2 Direitos Reais, Fl. 116v
1310.Outubro. 10 Frielas	Compra de uma casa	Frielas	25 maravedis	Miguel Martins e sua mulher Maria Domingues moradores no reguengo de Frielas	Levante, torre/poente via poluega/Aguiom paços do rei/aurego, via poluega	Domingos Rodrigues, Gil Lourenço homem de Afonso Afonsis, Vicente Zagalo	Vicente Pais – tab. de Frielas	IAN/TT - Chanc. D. Dinis – Livro de Reis, Fl. 41v
1313.Julho.06 Frielas	Fundação da Capela de Santa Catarina de Frielas e respectiva capelania por sua alma	Paço do Rei, Frielas		1 capelão e um mousinho 70 Libras anuais com dinheiros das vinhas de D. Dinis			Afonso Raimundo - escrivão	IAN/TT - Chanc. D. Dinis – Livro 3, Fl. 83 e 83v

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
1317	Doação do seu reguengo	Frielas	3 000 Libras	Micer Manoel Pessanha, Almirante do reino				IAN/TT – Chancelaria de D. Dinis – Livro 3, Fl. 108, Liv. 18 de Afonso V Fl. 81, Liv de Extras Fl 105, Liv. 2 de Místicos Fl. 21, e Liv. de D. Pedro
1319.Novembro .26 Santarém	Doação da quinta	Reguengo de Frielas		Rábi-mor D. Guedelha			João Fernandes - escrivão	IAN/TT - Chanc. D. Dinis – Livro 3, Fl. 142v ou 162v?

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
1320.Março.20 Santarém	Quitação de foro, a título pessoal, de todos os direitos relativos a quatro casas	Frielas		Estêvão Domingues – escrivão e tabelião/D. Geraldo, Bispo de Évora, que recebeu as casas de João Simão			João Martins - escrivão	IAN/TT - Chanc. D. Dinis – Livro 3, Fl. 83v
1324.Maio.09 Frielas	Carta de Venda de dos direitos que Francisco Anes tinha numa marinha com seus muros e viveiros	Frielas	40 Libras	João Vilão, morador em Frielas/Francisco Anes seu filho e sua mulher Bírzida Domingues		Mor Vasques, Lourenço Esteves	Estêvão Martins – P. T. de Frielas e Sacavém	Maço 2 Nº 10
1325.	Carta de Aforamento Documento incompleto – não está disponível para leitura			João da Gaia/Gil Vicente		João Peres da Guarda e Martim(?) Vicente, raçoeiro de Estevão Fernandes, Marinho Peres e Miguel Martins	Estêvão Fernandes	Maço 2 Nº 11
1331.Maio.09	Instrumento em que João da Gaia defende que não deve pagar jugada por ser fidalgo e por ser costume em Portugal os filhos d’algo não pagarem jugada.						Gonçalo Peres	Maço 2 Nº 12
1332.Dezembro	Escambo de	Espinhale	10 Libras	Francisco Eanes “O Vilão”	Alvaladie/caminho	Domingos Vicente,	Gomes Peres	Maço 1

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
.26 Casas de Estêvão da Guarda em Frielas	courellas de vinhas Figueiredo com seu chão em Frielas que se chama	Covões, Frielas Olival do Moogo		e sua mulher Birzida Domingues /Afonso Esteves e sua mulher Maria Esteves	/Estevão Peres Cabaço várzea: Estevão Peres Cabaço/João Estevez /marinhas de Alcobaça Domingos Mendes/ Domingos Afonso/Soeiro Peres/caminho	Estêvão Vicente seu irmão, Gil Soares, Domingos Lourenço, moradores em Frielas	– Público Tabelião de Frielas e Sacavém	Nº 18
1332.Abril(?).5 Casas de Francisco Eanes “O Villão”	Venda de 3 oliveiras e umas vinhas	Espinhhal, termo de Frielas	15 Libras	Vicente Domingues, filho de Domingos Rodrigues moradores em Frielas/Francisco Eanes Vilão e sua mulher Birzida Domingues	João, irmão de Vicente Domingues	João Esteves de Frielas, Gonçalo ____	Rodrigo Eanes - Público Tabelião de Frielas e Sacavém	Maço 1 Nº 19
1333.Janeiro.10 Frielas	Carta de venda de uma vinha e uma pequena almoinha e o direito de água e uma figueira		29 Libras de Portugal	Estevão Gonçalves, morador na Apelação, termo de Frielas/Francisco Eanes em Frielas e sua mulher Birzida Domingues	Vinha: Aparição Domingues/ João Esteves/João Domingues, filho do barrigudo/meus enteados. Almuinha: João Martins Lagara/meus enteados /caminho	Vicente Domingues, Domingos Vicente de Frielas, Lourenço Eanes e Domingos Eanes, moradores em Sacavém	Gomes Peres – Tabelião de Frielas e Sacavém	Maço 1 Nº 32
1334.Junho.15	Carta de venda de uma herdade	Apelação	8 Libras	Esteves e Damiã Bartolomeu, mulher, Frielas/Francisco Anes e	Capoeira dos moradores/cano moixeiro/herdade	Vasco Domingues/João Martins, filho de Martim Soares, moradores em	Gomes Peres	Maço 1 Nº 6

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
				Bírzida Domingues, mulher, moradores em Frielas	s de Vasco Esteves/caminho	Frielas		
1334.Agosto.24 Casas de Rodrigo Eanes PT Frielas e Sacavém Frielas	Arrematação de uma courela de herdade com oliveiras	Monte Agudo	6,5 Libras	Herdeiros de Domingues Peres/ Francisco Anes Vilão	Domingos Afonso/Catarina Domingues	Sueiro Peres e Leonardo Peres filhos de Pêro Cabaço, testamenteiros de Domingos Peres, seu irmão/João Domingues, foreiro do concelho	Rodrigo Eanes	Maço 1 N° 75
1334.Setembro. 11	Venda de uma courela de vinha, casas e oliveiras	Olival do Mougo	6 Libras	Estêvão Martins e sua mulher/Francisco Anes Vilão e Birzida Domingues, mulher de Frielas	Compradores/Rodrigues Afonso/Leonardo Perez	Domingos Castelão, Leonardo Perez Cabaço e Lourenço Martins de Frielas	Rodrigo Eanes	Maço 1 N° 71
1338.Março.13 Lisboa	Aforamento de uma courela de vinha	Apelação, freguesia de Frielas	¼ da colheita	Rei, através de João Soares meu Almojarife e Gonçalo Martins Escrivão dos Reguengos de Sacavém e Frielas/Gonçalo Anes filho de João Anes	Aguyom, João da Maia/aurego, caminho das Figueiras da arena/ levante Estevão Anes filho de João Silvestre/ poente Vicente Domingues de Frielas	João Esteves, Afonso Gonçalves Bartolomeu Peres.	João Domingues escrivão	Chanc. Portu. – D. Afonso IV, Org.de A. H. Oliveira Marques, Vol.II (1336-1340), INIC, Lisboa, 1992, Doc. 93.
1339(?)	Compra do quinhão da adega que foi de Leonardo			Rei/Domingos Vicente Bugalhinho				Idem, <i>Ibidem</i> , Doc. 144.

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
	Vicente							
1339.Abril.1 Paço dos Cavaleiros(?) Lisboa	Carta de Venda de casas na	Torre de Ribamar, Pedrouços	60 Libras	João Alão/Sancha Martins		Afonso Peres, João Anes tabeliães, Gabriel Afonso, Domingos Martins Fernandes, João Vicente	Vicente Peres	Maço 1 N° 80
1399.Maio(?).19 Ameixoeira	Instrumento de parceria/meaçã o durante 10 anos de courelas de herdade de pão em Frielas: umas em A do Bocarro de Figueiredo; outras do Outeiro das Matas		Metade dos frutos e 5 Libras	João Afonso Clérigo Raçoeiro de ISJF, reguengo/Afonso Anes porteiro do rei	Caminho publico/herdade da capela de Gonçalo Estevão/herdade da capela de _____ que vai para Castel Picão/_____ Anes de Elvas/Vasco Martins 2ª Silvestre Fernandes(?)/João Afonso, raçoeiro/caminho público/Estevão Vasques	Estevão Rodrigues, João Cristóvão da Ameixoeira e Rui Gonçalves do Lumiar.	Vicente Gomes	Maço 1 N° 49
1339.Junho.17 Frielas Casas de Abril Peres	Compra de uma adega com duas cubas e duas tinhas, que foi de Leonardo Vicente		131 Libras	Rei/Estêvão Vicente, Prior da Igreja de Santa Maria de Bucelas, testamenteiro de Maria Domingues, viúva de Leonardo Vicente.	João Peres Mouxeiro/Domingos Vicente Bugalinho/Rua	Gil Eanes, Advogado/Giral Vicente/Vicente Domingues/Abril Peres/Domingos Lourenço Castelão/Palos Domingos, todos de Frielas	Gomes Peres	Chanc. Port. – D. Afonso IV, Idem, Doc. 143.
1339.Setembro.30	Arrendamento de uma herdade	Freguesia de S. Lourenço	11,5 móios de pão	Lourenço Martins, escudeiro, procurador de		Estêvão Fernandes, Domingos Martins d	João Anes – Tabelião de	Maço 1 N° 85

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
(postumeiro dia)	na Valada, que é do Hospital de Santo Eustáquio		meado pela medida da bazoira de Lisboa	Lopo Rodrigues Soares, senhor da Albergaria de São Delgado de Lisboa/Vasco Anes Lionardes e Margarida Andreu		Ermida, tabeliães, Miguel Reinel, Pêro Martins do Tojal, Vicente Peres, morador ao pé da Sé, João Afonso, capelão do dito Hospital	Lisboa	
1341.Julho.3	Emprazamento de uma vinha e casas	Lezíria das Marnotas	16 Libras	Fernando Afonso Prior da ISJF e Clérigos Afonso Martins e Estêvão Martins/ Pedro Anes e mulher Branca Domingues		Gil Anes, Vicente Miguéis, Vicente Afonso Soares de Frielas	Gomes Peres	Maço 1 N° 63
1341.Novembro .08 Alenquer, nas casas de Aparício Domingues	Instrumento de quitação de uma renda de uma almuinha e de uma fiadeira		92 Libras anuais	Francisco Firminho e Gonçalo Esteves, seu vênio, moradores no termo de Alenquer/João da Gaia			Afonso Eanes –P. T. de Alenquer	Maço 2 N° 13
1343.Setembro. 04 Sacavém	Carta de venda de umas casas, currais e vinha	Casais	40 Libras	Vicente Frias e Maria Esteves, sua mulher, moradores na da Maria Duram, em Sacavém/Margarida Esteves, filha de Estêvão Vilão		Miguel ____ (?), Manuel Salvador, Domingos Domingues da Tregueira(?)	João Lourenço	Maço 1 N° 15
1344.Julho.04 Frielas, casas do Tabelião Gomes Peres	Carta de venda de uma courela de herdade Documento danificado		16 Libras de Portugal	Martim Fernandes/Francisco Eanes e sua mulher Maria Bernaldes, moradores em Frielas	Compradores/Gia n Tomás Maristo/Estêvão Soares	Frei Duran – Frade do Mosteiro de Odivelas, Domingos Eanes, Domingos Formoso, Lourenço Peres Cabaço, Lourenço Gomes e outros	Gomes Peres – P. T. Frielas e Sacavém	Maço 2 N° 14
1345.Fevereiro. 22	Carta de venda de uma	Caminho de Sacavém	14 Libras	Isabela Leonardes de Frielas/João da Gaia e	Caminho de Sacavém/caminh	Afonso Martins, Afonso Leonardes e Vicente	Gonçalo Martins	Maço 1 N° 81

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
Corredoura, Frielas	canaveira com sua vinha que foi de Domingos Furtado			Sancha Martins, sua mulher de Caneças	o da Várzea da Ribeira do caminho de Frielas/Vivente Migueis e seu filho	Domingues		
1346.Julho.02 Casas de Lopo Estêvão	Venda de 1 courela de vinha	Frielas	20 Libras	Afonso Domingues e Catelina Francisques, sua mulher, moradores em Sacavém/Francisco Anes e Maria Bernaldes, sua mulher, moradores em Frielas	2 lados com compradores/Afonso Martins, clérigo/Bartolomeu Leonardo	Domingos Vivente Bocarro, Vasco Domingues (manchado), Vicente Palos, João Martins, Vasco Afonso, João Vicente e Vasco Martins	Lopo Esteves	Maço 1 N° 33
1346.Dezembro .05	Carta de venda de uma courela de vinha	Apelação	7 Libras	Martim Mendez, da Apelação e mulher Justa Gonçalves/Francisco Anes e mulher Maria Bernaldes	Compradores/João Gonçaves/caminho público/caminho público	Vicente Palos, Estêvão Anes e Gonçalo Gonçalves (tinioso)	Lopo Esteves/João Gonçalves	Maço 1 N° 7
1346.Dezembro .__(?) Lisboa	Carta de arrematação da renda de umas vinhas, por 4 anos dos filhos de João Lourenço		1,5 Libras de Portugal/ano (metade no 1º ano, no dia de Natal e metade no dia de Páscoa seguinte)	Filhos de João Lourenço dos Pombais/Domingos Eanes Domingos Afonso – Tutor dos filhos/Francisco Martins		Gonçalo Anes de Sobrado – Escudeiro Alvazil das Audiências, Estêvão Peres, João Pinheiro pescadores	Rui Lopes	Maço 2 N° 15
1347.Fevereiro. 09 Casas de Lopo Esteves Frielas	Carta de venda de 1 - Uma courela de vinha 2 - Uma figueira	Apelação Herdade d'Oussenda	20 Libras	Vasco Afonso e Maria Anes, de Frielas/Francisco Anes e Maria Bernanldes, de Frielas	1 – Oussenda (?) /Silvestre Antunes/caminho	Domingos Joanes, Domingos Runhado, Ascenço Martins	Lopo Esteves/João Gonçalves	Maço 1 N° 8

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
	na							
1347.Abril.8 Casas de Lopo Esteves Frielas	Declaração de obrigação e venda de um túnel cheio de vinho (vermelho bom, bem tinto puro sem água), recebendo em paga 53 almudes em palha até ao dia de S. Miguel de Outubro, que fez João Peres, filho de Francisco Anes		12 Libras de Portugal	João Peres filho, morador na Apelação, termo de Frielas/Francisco Eanes, morador em Frielas		João Gonçalves, Domingos Palos	Lopo Esteves	Maço 2 N° 16
1347.Junho.07 Casas de Lopo Esteves Frielas	Carta de Venda de uma vinha	Apelação	45 Libras	Afonso Carvalho da Apelação e mulher Domingas Domingues/Francisco Anes e mulher Maria Bernaldes de Frielas	Compradores/vededores/ Vicente Gregório/caminho	_____ Domingues, Vicente Anes, Vasco Domingues da Paradela e Vicente Mimoso da Mealhada	Lopo Esteves/João Gonçalves	Maço 1 N° 9
1347.Agosto.10 Casas de Lopo Esteves Frielas	Carta de venda de uma courela	Portela, termo de Frielas	17 Libras	Estêvão Anes e Domingas Martins/Estêvão Martins e Clara Peres, mulher	Gonçalo Estêvão/Domingos Estêvão	Estêvão Anes, Lourenço Martins e Domingos	Lopo Esteves/João Gonçalves	Maço 1 N° 78
1348.Abril.14 Paço dos Tabeliães Lisboa	Carta de venda de 1 courela de vinha	Várzea de Loures	55 Libras	Gonçalo Martins, dito Pillado e sua mulher dita Copeira, moradores em Frielas/Francisco Anes, filho de Vilão e Maria Bernaldes, sua mulher, moradores em Frielas	Compradores/rio/Martim Gonçalves	Gil Figueira, João Anes e Ancem(?) Esteves, Tabeliães/Lourenço Anes,	Francisco Esteves	Maço 1 N° 86

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
1350.Fevereiro.24 Adro da Igreja de S. Martinho	Instrumento de composição /avença relativamente ao pagamento de certa quantia		4 Libras	Martins Esteves, Juíz de Albergaria do hospital/João da Gaia		João Martins, João da Auriana, Gil Eanes	Estêvão Lopes	Maço 2 N° 17
1351.Maio.1 Frielas	Carta de venda de 40 talhos de uma marinha	Poço das Donas, termo de Frielas	8 Libras	Constança Domingues, Viúva de Afonso Domingos, filho de Domingos Esteves/João da Gaia e mulher Sancha Alã	rio/Pêro Esteves/vinhas de (manchado)		Gomes Eanes	Maço 2 N° 20
1351.Junho.22 Santarém	Procuração a João da Gaia por intermédio do seu sogro Martim Soares, Alão, vizinho morador em Lisboa, e sua mulher Tareiga Martins, para tratar dos bens de Álvaro Afonso vassalo d'el rei e Alcaide de Loulé					Simão Gomes – Juiz, Gonçalo Martins, Álvaro Esteves – Tabelião d'el Rei	Lourenço Afonso/Gonçalo Anes	Maço 2 N° 19
1351.Dezembro.03 Frielas	Instrumento relativo ao testamento de Francisco Anes, herdeiro de Maria Bernaldes, para se fazer o			Testamenteiros: João Vasques e Gonçalo Peres/Inventariador: Lourenço Esteves		João Vasques/Gonçalo Peres, juizes da vila de Frielas, Martins Domingues, João Vasques, Gonçalo Peres, testamenteiros	Gonçalo Peres/João Domingues	Maço 2 N° 18

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
	inventário dos seus bens							
1352.Março.5 Vila de Paços que foram de Afonso Martins	Obrigaçã de cumprimento de contrato			João da Gaia e João Martins/Estevão Domingues			Domingos Anes	Maço 2 N° 3
1353.Janeiro.23 Paço dos Tabeliães Lisboa	Venda da terça parte de umas casas	Freguesia de Santo Estevão, Lisboa	100 Maravedis	Vasco Anes de Lisboa, procurador de Catarina Martins/João da Gaia e Sancha Martins	2 partes: ruas públicas/casas que foram de Pêro de Castro/casas que foram de Afonso Peres Galego	João do largo/João de Caneira	Peres	Maço 1 N° 21
1353.Fevereiro (em latim)	Sentença dada a favor da Igreja de Frielas sobre o dízimo da marinha desta Igreja deste limite							Maço 1 N° 34
1353.Maio.28	Aforamento de vinhas	Lezírias da Marnotas(?)	8 Libras de Portugal	Afonso Vicente, Vigário , e Gonçalo Martins prioste Raçoeiro/João da Gaia e Sancha Alã e filho Afonso Anes	Vinhas que foram de Estevão Domingues/filho do _____/marinhas	Aires Martins, Esrevão Vicente	Gonçalo Martins	Maço 1 N° 64
135...Maio. Frielas Adro da Igreja	Emprazamento de uma courela de vinha	Castel Pricão	20 soldos no dia de Natal	ISJF: Afonso Vicente, prior,João Afonso Calvo e Fernando Afonso Raçoeiros/Afonso _____(manchado), morador em Frielas	Afonso Anes/Isabela Leonardes e outros	Gil Afonso/Gonçalo Anes	Vicente Gomes	Maço 1 N° 17
1354.Junho.2... Curraleira de	Instrumento de doação de uma			ISJF - Gil Domingues,		Afonso Lourenço, Gil Domingues, raçoeiro	Gonçalo Martins	Maço 2 N° 2

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
Afonso Lourenço Alão Frielas 133(4?).	casa e dois lagares do prior para os raçoeiros que estão arrendados Traslado de documento		4 Libras	Fernando Afonso, Prior/João Fernandes Estêvão Martins e Estêvão Domingues, raçoeiros/ traz Francisco Peres		Lourenço Martins Galego, Clérigo de Alenquer, Domingos Virão(?), Gonçalo filho de Abril Peres		
1354.Dezembro .28 Frielas	Carta de aforamento de 3 courelas de herdade do Hospital no pomar que foi de Soeiro Alão	Caneças	2 quarteiros de cevada boa, 16 alqueires a quarteiro	Hospital, através do seu procurador e administrador Diego Soares, filho de Estêvão Soares/João da Gaia e Sancha Martins, sua mulher	1 courela: caminho que vai para Caneças e os foreiros de todas Outras 2 courelas: com foreiros/ João Alão. A courela da Eira: filhas de João Alão/Casal do Hospital	Lourenço Vicente/João	Gonçalo Martins	Maço 1 N° 12
1355.Abril.14	Carta de venda de uma parte da courela do Moderno		15 Libras	Silvestre Anes, filho de João Lourenço e Margarida Ramalho, moradores em Chilheiros, Mata da Burra(?)/João da Gaia e Sancha Anes, mulher, de Caneças	Maria Anes Capucha/Maria filha de João Domingues	Domingos Anes e outros	Gonçalo Martins	Maço 1 N° 72
1355.Setembro. 14	Declaração de entrega de 9 Libras para pagamento de		9 Libras (90 Libras total)	João da Gaia, procurador de Álvaro Afonso, entrega a Estêvão Afonso, filho de Afonso Anes		Vasco Afonso Cavaleiro, João Afonso Baina, cavaleiro, Francisco Giraldes	João do Largo	Maço 2 N° .21

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
	herdade/quitação					Foreiro		
1356.Outubro.5 Frielas	Carta de venda (procuração) de uma courela de vinhas Traslado da procuração 1356.Setembro.2	Palla, Frielas	10 Libras	Gonçalo Peres, procurador e marido de Constança Esteves/Estevão Martins Pilado e Catalina Fernandes, moradores em Frielas	Compradores/Dois lados Caminho público /Sancha Lagareira		Gonçalo Peres (tab. De Lisboa/Pedro Eanes	Maço1 Nº 35
1357.Maio.15 Lisboa	Carta de venda do foro de duas casas com um chouço	Marnotas	Preço:12 Libras Foro: 30 soldos, 1 moio de trigo e 1 frangão	Domingas Fernandes, viúva de Estêvão Fernandes, homem d'el rei, morador na Proboa(?)/João da Gaia	Todas as partes com foro de Bartolomeu do Valle, as quais Domingas teve por morte da cunhada Marinha Esteves	Afonso Correia, morador nas Cruzes(?)/Vicente Anes, morador em Frielas	João do Largo	Maço 1 Nº 65
1358.Julho.11	Quitação de quantia relativa ao foro das casas de Francisco Anes		3 Libras (10 soldos e quinze Libras)	Estevão C....procurador do Concelho de Frielas e Alvazis/Gonçalo Peres, testamenteiro de Francisco Anes,		Estevão Lourenço	Pedro Anes	M2 nº 22
1360.Maio.27 Lisboa	Carta de obrigação de venda de 4 moios de trigo e 8 de cevada		100 Libras	João Afonso Baina, cavaleiro, morador em Evora através de João da Gaia/Gonçalo Duram de Lisboa		João Vicente e Gonçalo Durães	Francisco Martins	Maço 2 Nº 23
1360.Julho.29 Alpendre do Paço d' El Rei Frielas	Aforamento de 2 vinhas	Olival da Marnota	(não há referência ao foro)	João da Gaia/Lourenço Afonso da Marnota	Caminho público	Domingos Lourenço, morador em Loures/Domingos Domingues e Vicente Domingues, moradores	João do Largo – tabelião de Frielas e Sacavém	Maço 1 Nº 66

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
						na Marnota		
1362.Abril.04 Frielas	Aniversários e bens da capela de João Branco e de Catalina			Afonso Vicente, vigário Perpétuo da ISJF, Fernando Afonso e João Afonso, o Calvo, Raçoeiros/procurador de João Afonso Castelão		João Afonso do Sobrado, Afonso Martins de Frielas e outros	Vicente Gomes	Maço 2 nº1
1362.Setembro. 26	Pura doação entre vivos à Igreja de São Julião de Frielas de uma herdade	Oar(?) das sarnhas (?) freguesia do dito logo de Frielas, reguengo do rei, termo da cidade de Lisboa		Vicente Eanes Bocaro, morador em Frielas	Herdade da Igreja de São Julião/João Afonso Chanca(?)	Alvaro Vicente de Unhos, Afonso Domingues ____ (?) e Afonso Domingues costeiro(?)	Vicente Gomes	Maço 1 Nº 23
1362.Novembro .19 (Sábado) Frielas Igreja de S. Julião	Testamento de uma capela de Sta Catarina de Domingas Domingues		10 Libras	Afonso Lourenço de Frielas, testamenteiro /João Leonardes, prior ou Pero Gonçalves e Gonçalo Anes, Raçoeiros			Pedro Anes	Maço 2 nº 24
1363.Março(?). 15 Casas do Alvazil Frielas	Emprazamento/compra de 1/5 de marinha (1/5 é de Gonçalo Peres e oute 1/5 é de João Anes Cavaleiro)			Gonçalo Peres procurador e testamenteiro de Francisco Anes e de Maria Bernaldes Gonçalo , Jacob Gadelha Judeu/Afonso Martins, testamenteiro de Domingos Zagalo, João Anes, cavaleiro pelo irmão Vasco e os herdeiros de D. Constança, viúva de D. Bernaldo.	Rio/Francisco Martins e sua mulher/rio/Domingos Zagalo/Marcos Domingues/testamenteiros de Francisco Anes, Maria Bernaldes/Marinha do Bispo	Vasco Afonso	Pedro Anes	Maço 1 Nº 36
1363. Dezembro	Carta de escambo de	Figueiredos		Estevão e Catarina Esteves/Vasco Gonçalves	Courela: compradores/Afon	Domingos Anes	Pedro Anes	Maço 2 Nº 7

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
Frielas Rasgado Retirado da leitura	uma courela de vinha, por duas courelas de herdade				sinho			
1364.Novembro .27	Contenda de empresamento de uma vinha que chamam da Judia		2 capões 2 dúzias de ovos Fazer vinho no lagar do foreiro na Bemposta	Domingas Lourenço, viúva de João Cravo Virador(?) em nome do filho menor Rodrigo/Pêro (apagado)	Vasco Esteves/João da Gaia	João da Gaia/Gonçalo Martins, Escudeiro, morador na Pedreira	ilegível	Maço 1 Nº 59
1364.Janeiro .11 Alpendre d'el rei Frielas	Empresamento de uma vinha, salvo a metade de Álvaro Gonçalves /empresada à ISJF)	Lezíria da Marnota	12 Libras de ouro 3 frangões, 2 capões, 2 dúzias de ovos e 1 alqueire de azeite	João da Gaia e Sancha Alã moradores em Caneças/Domingos Afonso e Maria Peres sua mulher, moradores nas Marnotas		Pedro Formoso, João Anes, Pedro Martins	Gonçalo Martins	Maço 1 Nº 67
1365.Setembro. 01 Adro da Sé nos degraus	Venda de umas casas – metade de uma casa em Frielas e três quinhões	Frielas	6 Libras	Gomez Fernandes, morador que foi de Frielas, merceeiro que agora é do hospital de Bartolomeu João e Domingas João sua mulher/João de Gaia couteiro das perdizes e morador em Caneças termo de Lisboa	Estêvão Gonçalves/Pero Afonso/rua publica	João Martins, amo de Lopo Fernandes de Domingos Leonardes morador em Frielas e Gonçalo Gonçalves	João Vicente – público tabelião	Maço 1 Nº 22
1368.Abril.06 Casas de João Afonso do Sobrado Frielas	Doação de bens	Termo de Lisboa.		Afonso e Constança Anes/procurador de João Alão escudeiro e Catarina Geraldês, pais de Constança Anes, João da Gaia demanda os		João da Gaia, Estêvão Lourenço, Gonçalo Peres	Gonçalo Domingues – Tab. Rainha	Maço 1 Nº 60

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
				bens				
1368.Julho.28 Lisboa	Obrigação de pagamento em dinheiro e género		8 Libras 17 soldos e 4 alqueires de cevada	João da Gaia/Gonçalo Mirtais(?) morador na Paradela		Vasco Domingues, Afonso Peres	Vasco Fernandes	Maço 2 N° 25
1370.Dezembro .23 Lisboa Paço dos Tabeliães	Venda da terça parte de olival e uma vinha, que herdou de Vicente Miguéis e Maria Afonso, seus pais.	Logo de Frielas, Oliveiras da Azenha	8 Libras	João Rodrigues Escudeiro de Benavente, neto de Afonso Balula(?)/João da Gaia e Sancha Martins, moradores em Ulivais, Caneças, que foi de Soeiro Alão.	Compradores/João o Domingues Sueirão/ Estêvão Peres Guiães/marinhas	Francisco Gerales Foreiro, João Afonso, Clérigo Raçoeiro da Capela de João da Gaia, Domingos Rodrigues Telheiro, Afonso Lionardes morador em Frielas	Pedro Anes/Álvaro Afonso	Maço 1 N° 83
1371.Janeiro. 08 Mosteiro de Odivelas	Emprazamento de uma courela que é da Capela do rei D. Dinis Foro	Lameiros, Frielas, é junto ao rio	50 Libras	D. Berengela Martins, Abadessa do Convento de Odivelas/João da Gaia e Sancha Martins, sua mulher Nomeação de um prestameiro	Vasco Martins e Estêvão Rodrigues/Diego Francisco(?) e Domingos Domingues de Vale Figueiras/entesta com caminho público/herdade de Estêvão Esteves		Selo do Mosteiro	Maço 1 n° 57
1371.Fevereiro. 07 Frielas	Carta de venda de uma vinha e canaveira na várzea que foi de Domingos Serrado		5 Libras	João Martins cabreiro e Constança Esteves de Frielas/João da Gaia Escudeiro e Sancha Anes de Caneças	Caminho/Pedro Anes	Gil Afonso, João Peres, Aires(?), Afonso,	Gonçalo Domingues Tab. de Frielas	Maço 1 N° 14
1371.Março.30 Unhos	Aforamento de oliveiras e sobreiros que		1 moio moído	Domingos Francisco, o Calvo, de Unhos/Vasco Domingues Alfaiate(?) e		João Martins Galego, Afonso Martins	João Lourenço Criado de	Maço 1 N° 84

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
	estavam aforadas a uma 2ª pessoa pertencentes à ISJF			Domingas Domingues sua mulher			Estevão Anes Cabreiro	
1371.Dezembro .20 Frielas, Igreja de S. Julião	Renúncia de certa quantia que devia João da Gaia pela compra que tinha feito de umas casas		100 Libras	João Afonso da Sobreda que vendera umas herdades a João da Gaia e Soeiro Alão		João Afonso, Fernando Afonso e Martinho Anes	Gonçalo Domingues	Maço 2 Nº 26
1372.Março.11 Paço do Concelho Frielas	Emprazamento de bens de raiz pertencentes ao foro de Estevão Martins	Frielas,	24, 5 Libras Actualização - 6 Libras e 2 soldos	João Afonso clérigo da ISJF/Filhos de Estêvão Martins		Pedro Esteves, tabelião, Gonçalo Pires	Gonçalo Domingues	Maço 1 nº 37
1374.Janeiro.19 Frielas Doc. Manchado	Testamento de Aires Martins: dizer aniversário pelo dia de S. João Baptista			Herdeiros de Vasco Lourenço, cacique da iSJF/Fernando Afonso, clérigo raçoeiro e prioste		Afonso Esteves, juiz dos Testamentos, João Lourenço, Gonçalo Martins, Estêvão V__(?)	Gonçalo Domingues	Maço 1 nº 39
1374 Igreja de Santiago de Lisboa	Documento relativo a uma vinha que a Igreja de Frielas traz emprazada		4 mil Libras	ISJF – Gonçalo Gonçalves/Lourenço Peres das Marnotas			Lopo Anes	Maço 1 Nº 24
1374. Frielas Casas de Gil Afonso	Sentença sobre moinhos de pão	Casal de Alcobaca, Paradela	Incumprimento do foro: 1/3 de 7 moios de pão meado. Só	João da Gaia, escudeiro/Gonçalo Martins, morador na Paradela, em nome de Vicente Miguéis, já falecido			Gonçalo Domingues	Maço 1 nº 5

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
			pagou 1 moio de pão meado, em vez de 2 moios.					
1374.Setembro. 14	Carta de venda de 1 olival na lezíria das Marnotas e 1 courela de vinha mourisca (por herança)	Ribeira do Fernandinho	40 Libras	Estêvão Domingues e Giralda Anes, sua mulher/João da Gaia, morador em Caneças na de Sueiro Alão	Olival: herdeiros de Vasco Miguéis/comprador/Norte e Aguião – Estêvão Rodrigues das Marnotas. Courela de Vinha:comprador/ João Afonso Viradeiro(ou capadeiro), cunhado da mulher do vendedor/Estêvão Esteves e mulher	Afonso Furtado/João Anes Cabreiro, Vicente Esteves, marinheiro, moradores em Frielas	João Anes – Tab. da rainha	Maço 1 N° 69
1374.Dezembro .08 Adro da Igreja de S. Julião	Arrendamento de uma vinha na herdade de Soeiro Alão	Caneças	2 frangões, 2 dúzias de ovos e metade das uvas	João do G____(?) morador em Frielas/João da Gaia		Lourenço Anes e outros	Pero Esteves – Tab. Da rainha	Maço 2 n° 4
1375 Frielas	Instrumento de obrigação 2 de aniversários por ano, por alma do clérigo João Fernandes sobre aluguer de casas	Frielas		João Afonso Clérigo (agora é prioste) Raçoeiro e Gil Domingos, Gonçalo Esteves, Prioste/Afonso Anes neto de Estorninha Vicente, já falecida Gonçalo Fernandes, juiz	Filhos de João Francisco/Adega das Donas/chão da capela de Estevão	Almoxarife Estêvão Esteves/João Afonso, Gil Anes, Gonçalo Fernandes, clérigos raçoeiros e Gonçalo Esteves Prioste	Gonçalo Domingues	Maço 1 n° 41

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
Frielas	Traslado de documento de 1344.Abril.8			d'el Rei em Frielas/João Afonso e Gil Domingues, raçoeiros, Gonçalo Esteves, prioste/Afonso Anes, Alvazil de Frielas, neto de Estorninha Vicente, já falecida		Vicente Migueis, Vicente Anes	Lourenço Vasques	
1375.Fevereiro. 25	Venda de 3 courelas de herdade	1- Eira Velha 2 – Portela 3 – Parte Barreiro	35 Libras	Vasco Esteves, irmão, morador em Montemor e Lopo Esteves – procurador de Margarida Esteves e Álvaro Vasques, morador em Telheiras, termo de Lisboa, herdeiro e sua mulher Clara Esteves /João da Gaia, morador em Frielas	1 – João Boel/Diego Soares/Hospital de Sto Eustáquio 2 – Lourenço Esteves/herdade do Eustáquio 3 – João da Gaia/João Boel/hospital	Vicente Rodrigues da Marnota/Estêvão Guiães porteiro/Estêvão Vicente	Afonso Dias-Tab. da Rainha	Maço 1 N° 77
1375.Maio.26 Paço do Concelho, Frielas Traslado de doc 1360.Fevereiro. 10	Emprazamento de metade de 1/3 do Casal de Alcobaça	Paradela	Perante Estevão Esteves e João Anes Alvazis 7 alqueires de pão, trigo e cevada/1 carneiro/2 dúzias de ovos/2 dúzias de queijadas(?)	João da Gaia (filho?) João da Gaia, morador em Caneças/Gonçalo Anes, filho de João Lourenço, morador em Paradela, Casal de Alcobaça	A outra ½ é de Vicente Miguéis	Afonso Gonçalves, Pedro Afonso, João Anes (Tab.) Gonçalo Peres, escolar e morador em S. Mamede/ Vasco Domingues, Tabelião/ João Vasques, morador em S. Ancenso	Afonso Esteves, Tab. da Rainha João Vicente	Maço 1 N° 1
1375.Abril	Doc. Ilegível			João da Gaia				Maço 2 N° 27

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
Muito mau estado								
1376.Agosto.13 Ilg. S. Julião Frielas	Testamento de Maria Lagareira Missa de aniversário Verba			Afonso Esteves, Juiz da Rainha dos Testamentos/João Vicente das Marnotas, testamenteiro de Maria Lagareira		João Vicente das Marnotas, testamenteiro/João Afonso, raçoeiro e Fernando Afonso	Juiz Afonso Esteves, _____ Esteves Tabelião	Maço 1 nº 42
1376.Setembro.11	Arrendamento de duas casas e quinhão de uma esterqueira	Monte Agudo	5 Libras	Vasco Peres de Frielas/João Afonso, Lavrador de Frielas	1casa - João Afonso/Vicente Gil/Monte Agudo 2 casa – Estêvão Domingues/Margarida Esteves Esterq. Aires Afonso/adega da rainha	Gil Esteves...	Afonso Dias – Tabelião da Rainha	Maço 1 Nº 73
1376.Outubro.21 Lisboa Doc. manchado e rasgado	Instrumento de quitação sobre bens	Frielas		_____ (?) Esteves/João da Gaia, que fora Judeu, morador em Frielas		João Afonso do Sobrado		Maço 1 Nº 40
1377.Maio.07 Frielas, Casas de Domingos Anes, filho de João de Elvas	Instrumento de fronta e confronta sobre a posse dos bens/Couto de João Branco e Margarida Peres. Rodrigo Esteves defende-se dizendo que é herdeiro dos			Rodrigo Esteves(?) provedor das capelas de João Branco e Margarida Peres é confrontado por João Afonso, a mando de Gillome(?) Carbonello, vigário do Bispo de Lisboa.		Prior João Afonso, Clérigo de Zamora e procurador do prior e dos raçoeiros da Igreja de S. Julião de Frielas.	Mestre Jacome Tempesta, P. T. da Rainha em Frielas e Sacavém	Maço 2 Nº 28

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
	bens por ser sobrinho de Margarida Peres e apresenta como testemunhas							
1377.Junho.08	Instituição de uma capela Traslado de documento de 1352.Junho.07			Procurador de Afonso Lourenço e raçoeiros da ISJF/Gonçalo Peres e _____ Domingues, moradores em			Gonçalo Afonso	Maço 2 N° 6
1378.Janeiro. Casas do Concelho Frielas	Partição de bens em Frielas e seu termo: 1 – casas 2 – 3 courelas de vinha no 3 – Herdade	Espinhhal Figueiredo	30 soldos (ISJF) 30 soldos (Maria Afonso das Alvogas)	Aforadas por João Esteves, procurador de Gil e Silvestre, filhos do Pilado que eram de Catelina Afonso, sua mãe	1-João Domingues Sarraíno/Pêro Gonçalves 2 – 1ª courela: Martim Afonso 2ª Catalina Afonso (mãe)/João Cristovães 3ª Alvaro Peres/Vasco Afonso 3 – 2 partes Gonçalo Domingues	Gil Afonso, Afonso Esteves, João Grande	Gonçalo Domingues	Maço 1 N° 44
1378(?).Fevereiro.6	Verbas do testamento de Maria Afonso		40 soldos (?)			Presentes: Pêro Afonso Furtado, Lopo Afonso – Alvazis de Frielas Test. Vasco Anes, João _____,	João Lourenço – Tab. Da Rainha	Maço 2 N° 29

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
1378.Outubro.04 Adega da Rainha Frielas	Carta de arrematação do nono das vinhas de João da Gaia		21,40 Libras	Afonso Anes porteiro a mando de Gonçalo Anes Clérigo, testamenteiro de João da Gaia e João Afoso Clérigo/Lopo Afonso		Lourenço Anes, João Esteves, Afonso Peres que foi carcereiro, Gonçalo Delgado	João Lourenço	Maço 1 N° 43
1379.Janeiro.20 Frielas	Instrumento de pagamento de soldada		4 Libras/ano	Silvestre filho de Catalina Afonso/João Afonso Clérigo		Gil Afonso Alvazis de Frielas, Vasco Anes e Afonso Anes	João Lourenço – Tab. Da Rainha	Maço 2 N° 30
1379.Janeiro .25	Emprazamento de duas courelas de vinha	Gingal, Frielas	3 Libras, 2 frangos bons	João Afonso Prioste e congrueiro, Fernando Afonso, Álvaro Gonçalves raçoeiros e, Gonçalo Anes, Vigário perpétuo/Martim damoreira(?) e Maria Francisca, sua mulher, moradores em Unhos	1 - Estevão Gonçalves escudeiro/ Herdeiros de Vicente Migueis/caminho 2 – Gonçalo Anes Salsa/herdeiros de Margarida Domingues/caminho público		Tebelião da rainha	Maço 1 N° 54
1381.Março.19 Casas de Afonso Peres Lisboa	Quitação a Gonçalo Anes (testamenteiro de João da Gaia de certa quantia que devia João da Gaia a Lopo Esteves		150 Libras (500 Libras total)	João Lopes Tabelião, filho de Lopo Esteves e de Senhorinha Domingues/Gonçalo Anes, Testamenteiro de João da Gaia		Afonso Peres/Gil Fernandes/João Giraldes	João Lopes	Maço 2 Doc. 31
1385.Junho.28 Lisboa, Casas da morada de Miguel Sanches	Quitação de certa quantia proveniente de soldada		2 quartos e 5 alqueires de pão meado	João Afonso, Clérigo e raçoeiro de S. Julião de Frielas devia a João Bartolomeu		João Bartolomeu, morador nas Pedras Negras, freguesia de Santo António, termo	Miguel Sanches, Tab. de Lisboa	Maço 2 N° 32

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
						de Lisboa/filho de Gil Lopes/João Lourenço/Gonçalves, braceiro do Tojal		
1385.Junho.14 Lisboa	Testamento de Gil Esteves, dito Cabaço, que institui uma capela e deixa todos os bens à ISJF, para que cantassem missa por 10 anos			João Afonso, clérigo, testamenteiro/Vasco Lourenço e Catalina Esteves		João Afonso, clérigo do Mosteiro de Sto António e testamenteiro/Martim Vasco de S. Mamede	Lopo _____, de Lisboa	Maço 1 N° 45
1387.	Emprazamento de uma quinta	Ulvais, Caneças	Um moio de pão moído e 10 Libras	Viúva de João da Gaia/João Afonso, Clérigo Raçoeiro da ISJF		João Martins, Raçoeiro	Lourenço Anes	Maço 1 N° 87
1389.Agosto.	Apresentação de uma cédula de Apelação			João Martins, procurador da Abadessa do Mosteiro de Odivelas Dona Aldomira Pimentel/prior da ISJF		Afonso Esteves, clérigo	João Esteves	Maço 1 N° 46
1395 Doc. manchado e com buracos	Sentença relativa ao sal das marinhas da Igreja de S. Julião de Frielas			Afonso Calvo, raçoeiro/João Álvares, filho de Álvaro Peres já morto, morador em Frielas		Afonso _____ Vigário por procuração		Maço 1 N° 48
1395.Julho.06 Frielas, Casas de João Afonso	Avença que fez para fazer o coro da ISJF		800 Libras	Estevão Martins, Carpinteiro de Lisboa recebeu de João Afonso Clérigo Raçoeiro de ISJF		Anes Alvares, Gonçalo Lopes(?)	Gonçalo Martins	Maço 1 N° 47
1395.Dezembro .09 Paços do Bispo Lisboa	Sentença relativa ao pagamento de dízima de			João Lourenço Cavaleiro e Álvaro Gil, moradores em Lisboa/João Afonso Raçoeiro, Prioste		Vicente Lourenço e Vasco Simão, procuradores da Audiência/ João	Afonso Gonçalves Escrivão	Maço 1 N° 82

Data/local	Tipo de contrato	Localização	Foro/preço	Vendedor/comprador	Confrontações	Testemunhas	Tabelião/escrivão	Cota
	herdades (foram do reguendo) que pertencem a Mossem Navarro Judeu e agora é de Catarina Fom, enteada do Bispo do Porto					Fernandes, Diogo Álvares e Luís Eanes		
13_.Maio.15 Letra/tinta muito sumida	Emprazamento de uma vinha e casa Instituição de capela para pagamento de aniversário		40 soldos e um frangão Capela 55 soldos(?)		_____ Afonso/Estevão Domingues emprazador/Clérigos			Maço 2 Nº 8
Séc. XIV (?) Buracos e mau estado	Documento incompleto							Maço 2 Nº 33

APÊNDICE 2

Apêndice 2 - Estudo de Antroponímia

Nomes masculinos

Nomes Próprios	Patronímicos	Estatuto Social	Proveniência/ Domicílio	Actividade profissional	Alcunha	Sobrenome
Afonso	Esteves					
Afonso	Domingues		Sacavém			
Afonso	Martins			Clérigo		
Afonso			Apelação			Carvalho
Afonso	Anes		Frielas	Porteiro do Rei		
Afonso	Domingues					
Afonso	Anes			Alvazil de Frielas		
Afonso	Martins			Raçoero		
Afonso	Vicente			Prior		
Aires	Soares					
Aires	Afonso					
Álvaro	Gil					
Álvaro	Vasques		Telheiras			
Álvaro	Gonçalves			Raçoero		
Álvaro	Peres					
Bartolomeu	Leonardo					
Bartolomeu			do Valle			

Nomes Próprios	Patronímicos	Estatuto Social	Proveniência/ Domicílio	Actividade profissional	Alcunha	Sobrenome
Diego	Francisques		Vale Figueira			
Domingos						Da Gaia
Domingos	Esteves				Bugalinho	
Domingos	Rodrigues		Frielas			
Domingos	Peres					
Domingos	Vicente					
Domingos	Mendes					
Domingos	Afonso					
Domingos	Estêvão					
Domingos	Eanes					
Domingos	Domingues		Vale Figueira			
Domingos	Anes		Elvas			
Domingos	Francisco		Unhos		Calvo	
Estevão	Fernandes					
Estevão	Domingues		Frielas			
Estevão		Vilão				
Estêvão	Gonçalves					
Estevão	Soares				Salsa(?)	
Estevão	Martins		Frielas		Pilado	

Nomes Próprios	Patronímicos	Estatuto Social	Proveniência/ Domicílio	Actividade profissional	Alcunha	Sobrenome
Estevão	Joanes					
Estêvão	Gonçalves		Apelação			
Estêvão	Domingues					
Estêvão	Peres				Cabaço	
Estêvão	Anes					
Estêvão	Martins					
Estêvão	Fernandes	Homem do Rei	Póvoa [Santo Adrião]			
Estêvão	C		Frielas	Procurador e Alvazil		
Estêvão	marido de Catarina Esteves					
Estêvão	Rodrigues					
Estêvão	Domingues					
Estêvão	Esteves					
Estêvão	Rodrigues		Marnotas			
Estêvão	Gonçalves	Escudeiro				
Estêvão	Martins			Raçoero		
Estêvão	Domingues			Raçoero		
Esteves	Bartolomeu		Frielas			

Nomes Próprios	Patronímicos	Estatuto Social	Proveniência/ Domicílio	Actividade profissional	Alcunha	Sobrenome
Fernando	Afonso			Prior		
Francisco	Martins					
Francisco	Anes	Vilão/filho do	Frielas			
Gian	Tomas			Maristo		
Gil	Domingues			Raçoero		
Gil					filho do Pilado	
Gomes	Fernandes		morou em Frielas	Merceeiro do Hospital		
Gonçalo	Anes					
Gonçalo	Estêvão					
Gonçalo	Martins				Pilado	
Gonçalo	Peres	Homem de João da Gaia		Proc. e test. Francisco Anes		
Gonçalo	Esteves					
Gonçalo	Martins			Prioste		
Gonçalo	Anes			Raçoero		
Gonçalo	Gonçalves			Raçoero		
Gonçalo	Esteves			Raçoero		
Gonçalo	Martins		Paradela			

Nomes Próprios	Patronímicos	Estatuto Social	Proveniência/ Domicílio	Actividade profissional	Alcunha	Sobrenome
Gonçalo	Domingues					
Jacob		Judeu	Lisboa	Rabi-Mor		Guedelha
João	Domingues			Lagareiro		
João	Martins	Vilão				
João		Couteiro das Perdizes/que fora judeu	Frielas/Caneças			da Gaia
João	Cravo			Virador		
João	Anes					
João	Domingues				filho do Barrigudo	
João	Esteves					
João	Martins			Lagara		
João						da Maia
João	Silvestre					
João	Peres		Apelação		filho	
João	Peres			Mouxeiro		
João	Gonçalves					
João	Anes	Cavaleiro		Homem de João da Gaia		

Nomes Próprios	Patronímicos	Estatuto Social	Proveniência/ Domicílio	Actividade profissional	Alcunha	Sobrenome
João	Trino(?)					
João		Alão				
João	Afonso					do Sobrado
João	Rodrigues	Escudeiro				
João	Domingues	Sueirão				
João	Martins		Frielas	Cabreiro		
João	Afonso			Viradeiro/capadeiro		
João	Francisco					
João	Lourenço		dos Pombais			
João	Lourenço	Cavaleiro				
João	Fernandes			Raçoero		
João	Afonso			Raçoero		
João	Afonso			Raçoero	Calvo	
João	Leonardes			Prior		
João	Afonso		Frielas	Lavrador		
João	Cristovães					
Leonardo	Peres					
Lopo	Esteves					
Lopo	Afonso					

Nomes Próprios	Patronímicos	Estatuto Social	Proveniência/ Domicílio	Actividade profissional	Alcunha	Sobrenome
Lourenço	Afonso		Marnota			
Lourenço	Peres		Marnotas			
Lourenço	Martins					
Marcos	Domingues		Frielas			
Martim	Gonçalves					
Martim	Fernandes					
Martim	Mendes		Apelação			
Martim			Unhos		Zagalo	de Meiro
Martim	Vicente			Raçoero		
Martim	Afonso					
Martinho	Egee			Almoxarife e escrivão		
Miguel	Martins					
Pedro				do Asno		
Pedro	Anes				Bocarro	
Pedro	Francisques					
Pero	Afonso					
Pero	Esteves					
Pero	Anes					
Pêro	Gonçalves			Raçoero		

Nomes Próprios	Patronímicos	Estatuto Social	Proveniência/ Domicílio	Actividade profissional	Alcunha	Sobrenome
Rodrigo	filho menor de João Trino					
Rodrigues	Afonso					
Rui	Pires					
Silvestre	Anes		Chileiros, Mata da Burra			
Silvestre	Antunes					
Silvestre					filho do pilado	
Soeiro	Domingues					
Soeiro		Alão				
Soeiro	Peres					
Vasco	Esteves		Montemor			
Vasco	Afonso		Frielas			
Vasco	Gonçalves					
Vasco	Martins					
Vasco	Migueis					
Vasco	Domingues					
Vasco	Peres		Frielas			
Vasco	Afonso					

Nomes Próprios	Patronímicos	Estatuto Social	Proveniência/ Domicílio	Actividade profissional	Alcunha	Sobrenome
Vicente	Domingues		Frielas			Zagalo
Vicente	Frias		Sacavém			
Vicente	Migueis					
Vicente	Gregório					
Vicente	Eanes					
Vicente	Gil					

Nomes Femininos

Nomes próprios	Patronímicos	Estatuto Social	Proveniência/Domicílio	Actividade profissional	Alcunha	Sobrenome
Aparição	Domingues					
Bírzida	Domingues					
Branca	Domingues					
Catalina	Fernandes		Frielas			
Catalina	Geraldes					
Catalina	Afonso					
Catalina	Francisques		Sacavém			
Catarina	Domingues					

Nomes Próprios	Patronímicos	Estatuto Social	Proveniência/ Domicílio	Actividade profissional	Alcunha	Sobrenome
Catarina	Esteves					
Clara	Esteves					
Clara	Peres					
Constança	Esteves					
Constança	Francisco					
Constança	Domingues					
Constança	Anes					
Constança	Esteves		Frietas			
D. Berengela	Martins			Abadessa Mosteiro de Odivelas		
Damiã	Bartolomeu		Frietas			
Domingas	Joanes					
Domingas	Domingues		Apelação			
Domingas	Fernandes					
Domingas	Lourenço					
Domingas	Martins					
Estorninha	Vicente					
Giralda	Anes					
Isabela	Leonardes		Frietas			
Justa	Gonçalves		Apelação			

Nomes Próprios	Patronímicos	Estatuto Social	Proveniência/ Domicílio	Actividade profissional	Alcunha	Sobrenome
Margarida			Chileiros, Mata da Burra			Ramalho
Margarida	Esteves	filha de Estêvão Vilão				
Margarida	Domingues					
Maria	Peres		Marnotas			
Maria	filha de João Domingues					
Maria	Anes		Frietas		Capucha	
Maria	Eanes					
Maria	Domingues					
Maria	Esteves					
Maria	Esteves		Sacavém			
Maria	Bernaldes		Frietas			
Maria	Anes		Frietas			
Maria	Francisques					
Maria	Francisca					
Marinha	Esteves					
Mulher do Pilado					Copeira	

Nomes Próprios	Patronímicos	Estatuto Social	Proveniência/ Domicílio	Actividade profissional	Alcunha	Sobrenome
Sancha	Martins		Frietas/Caneças		Alã	
Sancha				Lagareira		